

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**Pâmela Fardin Pedruzzi**

**A PARTICIPAÇÃO DE AMIGOS EM CASOS DE  
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER POR PARCEIRO  
ÍNTIMO NOS CONTEXTOS *ONLINE* E *OFFLINE***

**Vitória**

**2020**

**Pâmela Fardin Pedruzzi**

**A PARTICIPAÇÃO DE AMIGOS EM CASOS DE  
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER POR PARCEIRO  
ÍNTIMO NOS CONTEXTOS *ONLINE* E *OFFLINE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo Garcia.

**Vitória**

**2020**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

P371p Pedruzzi, Pâmela Fardin, 1994-  
A participação de amigos em casos de violência contra a mulher por parceiro íntimo nos contextos online e offline / Pâmela Fardin Pedruzzi. - 2020.  
111 f. : il.

Orientador: Agnaldo Garcia.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

I. Garcia, Agnaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

---

**PÂMELA FARDIN PEDRUZZI**

**A PARTICIPAÇÃO DE AMIGOS EM CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A  
MULHER POR PARCEIRO ÍNTIMO NOS CONTEXTOS *ONLINE* E *OFFLINE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Cristina Smith Menandro**

Universidade Federal do Espírito Santo

---

**Dr.<sup>a</sup>. Arielle Sagrillo Scarpati**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

**Prof.<sup>o</sup>. Dr.<sup>o</sup>. Agnaldo Garcia**

Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Orientador | Presidente da Banca Examinadora

**Vitória, março de 2020**

## **Agradecimentos**

Primeiramente, se você chegou até aqui, muito obrigada por ter se interessado em ler este trabalho. Dedico aqui neste espaço todo o meu agradecimento a todos que de alguma forma mínima puderam colaborar comigo nessa trajetória. Agradeço demais à Deus e à Nossa Senhora por serem meus marcadores e por não me fazerem esquecer do propósito da minha profissão e do porquê a escolhi.

Esse mestrado não teria nem se iniciado se não fossem pelos meus pais Lucilda e Airton. O mérito de grande parte deste título vai para eles: por me apoiarem, por acreditarem em mim desde pequena e me mostrarem que conhecimento é uma das coisas que ninguém consegue te roubar. Obrigada por me buscarem no ponto de ônibus e por tolerarem e me incentivarem. Sou muito sortuda em ter vocês!

Aos meus avós maternos e paternos: Aristeu e Rosalina, Ercolano e Maria. À Vovó Rosa (falecida), por ter me visto como psicóloga quando nem eu ainda me via; ao Vovô Aristeu (falecido durante o mestrado), por ser meu exemplo de resiliência e otimismo, sempre contando as histórias mais fantásticas; ao Vovô Ercolano (falecido), por me incentivar no gosto pela leitura e pela ciência ao me explicar sobre as estrelas e o universo desde criança, sendo um exemplo gigantesco de honestidade e seriedade; e Vovó Maria. Vó, muito obrigada por me ouvir falar da minha pesquisa todo final de semana e pelo incentivo a estudar. Obrigada também pelos doces e pelo refrigerante! Você é maravilhosa! Ainda, agradeço muito pelo apoio da minha família: tios e primos (em especial à minha madrinha, Tia Ana; Rafael, Luanda, João Gabriel e Pedro por aquele tour no Rio e pela melhor quiche de alho-poró que eu já comi na vida; Tia Mírian e Tia Aparecida pelos ótimos papos no telefone e pelas orações). Obrigada pelas palavras de incentivo nos momentos de dúvida, antes e depois do mestrado; principalmente ao

dizerem que tudo ia dar certo. Está dando!

Acho que não tenho como mensurar empiricamente (rs) o tamanho do meu agradecimento às integrantes da “sociedade secreta”, Isabela Medeiros e Fabíola Rodrigues. Em muitas situações complicadas, foram vocês que salvaram meu mestrado, me fazendo rir e compartilhando emoções positivas. Desejo tudo de mais lindo a vocês e espero que nossa caminhada de pesquisa ainda não tenha acabado (tenho mais umas 20 ideias de artigos, só falta organizar e montar a pasta no drive, depois a gente combina).

Não posso deixar de falar das pessoas maravilhosas que me formaram psicóloga: os professores. Deixo aqui registrado a minha gratidão aos professores da FAESA e da UFES pelo enorme suporte recebido. Registro aqui o Luciano Cunha, Felipe Pimentel, Laís Sudré, Isabele Eleotério, Andreia Ferreira, Arielle Sagrillo, dentre tantos outros que me ajudaram a compreender melhor a psicologia como profissão e possibilidade de inúmeras formas. Durante o mestrado, agradeço ao meu orientador, Prof<sup>o</sup> Agnaldo Garcia, pela confiança de ser uma de suas últimas mestrandas e poder contar com a sua valiosa orientação. Também gostaria de agradecer ao Prof<sup>o</sup> Alexsandro de Andrade, Prof<sup>a</sup> Valeschka Guerra, Prof<sup>a</sup> Célia Nascimento, Prof<sup>o</sup> Rafael Wolter, Prof<sup>a</sup> Sabine Mantuan, Prof<sup>a</sup> Daniela Macedo e todos os outros na qual tive contato. Obrigada por serem inspiração e por terem compartilhado um pouco de suas experiências comigo. Fico muito feliz por ter sido aluna de todos vocês! Obrigada também Antônio e Arin, por toda ajuda na secretaria!

Agradeço aqui também pelo apoio das minhas amigas, a melhor advogada, fonoaudióloga e pediatra de todo o (meu) mundo: Karine, Aline e Luana. Meninas, obrigada por estarem comigo nos momentos felizes como a minha formatura, e também por serem pessoas que sei que posso contar nos momentos complicados. À Mayara, Maressa e Maryana por estarem comigo desde bem pequena, seguindo firme forte na

escola e no inglês. Obrigada meninas!! Também deixo registrado aqui a minha gratidão ao melhor grupo de supervisão comportamental: Ariela, Dâmares, Charlis, Camila, Ana Amélia e Yara. Saibam que vocês são maravilhosos e arrasam muito. Obrigada pelas risadas de segunda à noite.

Ao Muse, por terem as melhores músicas de todo o universo, pelo piano, pelos sintetizadores, inspiração (científica, por que não?) e estarem comigo desde muito antes da psicologia. Sim, *we, too, could be glorious!*

À Capes, pela bolsa de mestrado concedida. Por fim, obrigada a todas as mulheres guerreiras que puderam me contar um pouquinho de suas histórias. Espero que este trabalho possa compartilhar um pouco de suas experiências e passar para frente todas essas angústias sob forma de resiliência e inspiração para tantas outras espalhadas pelo Brasil, como me disseram. Vocês merecem tudo de mais lindo!

*They'll say, no one can see us  
That we're estranged and all alone  
They believe nothing can reach us  
And pull us out of the boundless gloom*

*They're wrong.*

*(The Void, Muse)*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>12</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>13</b>
<b>RESUMEN</b> .....	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1 <i>Apresentação</i> .....	15
2 <i>Relacionamento romântico e violência contra a mulher</i> .....	16
3 <i>A intermediação das tecnologias de informação nos relacionamentos interpessoais e na facilitação da violência</i> .....	19
4 <i>Violência por parceiro íntimo e relações de amizade</i> .....	25
<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>30</b>
<b>MÉTODO</b> .....	<b>31</b>
1 <i>Participantes</i> .....	31
2 <i>Instrumento</i> .....	31
3 <i>Procedimento de coleta de dados</i> .....	32
4 <i>Procedimento de análise de dados</i> .....	33
5 <i>Questões éticas</i> .....	34
<b>RESULTADOS</b> .....	<b>36</b>
1 <i>Participantes</i> .....	36
2 <i>O histórico do relacionamento</i> .....	38
<b>2.1 O início do relacionamento</b> .....	<b>38</b>
<b>2.2 O desenvolvimento do relacionamento</b> .....	<b>40</b>
<b>2.3 O pós-relacionamento</b> .....	<b>44</b>
3 <i>A violência no relacionamento</i> .....	46
<b>3.1 Tipos de violência</b> .....	<b>46</b>

<b>3.2 A dinâmica da violência no relacionamento .....</b>	<b>48</b>
<b>3.3 A percepção da violência no relacionamento .....</b>	<b>50</b>
<i>4 Internet, relacionamento e violência .....</i>	<i>52</i>
<b>4.1 O uso da internet .....</b>	<b>52</b>
<b>4.2 Internet e violência .....</b>	<b>53</b>
<b>4.3 Internet e enfrentamento da violência .....</b>	<b>55</b>
<i>5 Redes de amizades .....</i>	<i>57</i>
<b>5.1 Alterações na rede de amigos com o relacionamento .....</b>	<b>57</b>
<b>5.2 A comunicação com os amigos .....</b>	<b>58</b>
<b>5.3 A presença e apoio social dos amigos .....</b>	<b>59</b>
<b>5.4 A participação de amigos na violência .....</b>	<b>59</b>
<i>6 Síntese dos resultados .....</i>	<i>60</i>
<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>62</b>
<i>1 Sobre a história do relacionamento .....</i>	<i>62</i>
<i>2 Sobre a violência no relacionamento .....</i>	<i>68</i>
<i>3 O papel da internet na violência vivenciada .....</i>	<i>75</i>
<i>4 Sobre as redes de amizades e o relacionamento .....</i>	<i>80</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>106</b>
<i>Anexo A – Aprovação da pesquisa em comitê de ética .....</i>	<i>106</i>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>109</b>
<i>Apêndice A – Roteiro de entrevista .....</i>	<i>109</i>
<i>Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) .....</i>	<i>110</i>

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

### TABELAS

<i>Tabela 1:</i> Caracterização das participantes .....	37
<i>Tabela 2:</i> Síntese dos resultados .....	60

Pedruzzi, P. F. (2019). **A participação de amigos em casos de violência contra a mulher por parceiro íntimo nos contextos online e offline**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

## RESUMO

A violência por parceiro íntimo (em inglês abreviada como IPV) é um fenômeno que tem chamado atenção mundialmente. No Brasil, e em especial, no Estado do Espírito Santo, os números de mulheres vítimas crescem a cada ano. Nessa perspectiva, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a participação de amigos na violência contra a mulher por parceiro íntimo, investigando contextos online e offline em relacionamentos românticos. Por meio de um estudo de casos múltiplos de caráter qualitativo, foram entrevistadas 12 mulheres que relataram ter experienciado um relacionamento íntimo que considerou violento e fazerem uso de pelo menos uma rede social no momento da coleta. A aproximação das participantes se deu através da técnica de bola de neve. O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturado, elaborado com base nos objetivos da pesquisa. Para a análise dos dados, o método utilizado foi a análise temática. Quatro temas principais foram identificados frente aos dados coletados: (a) o histórico do relacionamento; (b) a violência no relacionamento; (c) internet, violência e relacionamento; e (d) a rede de amizades. Os resultados apontaram para um contexto conflituoso - antes, durante e depois ao relacionamento - que favoreceu o desenvolvimento da violência por parceiro íntimo. Os tipos de violência citadas pelas participantes envolveram ações de violência física, psicológica e sexual. Após o término, as participantes mostraram ter mais facilidade em compreender o conceito de violência, especialmente as definições de violência psicológica e de violência como um ciclo. A internet e a rede de amigos mostraram ter diversas funções com relação a violência contra a mulher por parceiro íntimo. Quanto à internet e as redes sociais, estas foram destacadas como ferramentas de controle utilizadas pelo parceiro, facilitando assim a ocorrência da violência. Por outro lado, puderam propiciar acesso à informação e a questões ligadas ao feminismo; além de oferecer a possibilidade de manterem registros e provas da violência experienciada, sendo assim mencionadas como fundamentais para o enfrentamento e manutenção de um relacionamento romântico. As redes de amizades também foram referenciadas como essenciais no enfrentamento da violência, podendo ser consideradas como uma das principais fontes de suporte social pelas entrevistadas; apesar de, direta e indiretamente, colaboraram com o contexto conflituoso no relacionamento, por meio do isolamento social e afastamento dos amigos após diversos alertas destes frente a violência percebida.

**Palavras-chave:** amizade; internet; relacionamento interpessoal; violência por parceiro íntimo.

Pedruzzi, P. F. (2019). **Friend's participation in intimate partner violence against women in online and offline contexts**. Master's dissertation. Psychology Post Graduation Program of Federal University of Espírito Santo, Brazil.

### ABSTRACT

Intimate Partner Violence (abbreviated as IPV) is a worldwide attention-grabbing phenomenon. In Brazil, and especially in the state of Espírito Santo, the numbers of affected women grow each year. From this perspective, the present research aimed to analyze the participation of friends in intimate partner violence against women, investigating online and offline contexts in romantic relationships. Through a qualitative multiple case study, 12 women that experienced intimate relationship violence and made use of at least one online social network were interviewed. Participants were approached through the snowball technique. The instrument used was a semi-structured interview, based on the research objectives. For data analysis, the method used was a thematic analysis. Four main themes were created in the light of data: (a) relationship history; (b) relationship violence; (c) internet, violence and relationship; and (d) friendship network. The results pointed to a conflicting context - before, during and after the relationship - that favored the development of intimate partner violence. The types of violence cited by participants involved actions of physical, psychological and sexual. After the break, participants were more likely to understand the concept of violence, especially the definitions of psychological violence and violence as a cycle. The internet and the friend's network played a number of roles in relation to intimate partner violence against a woman. As for the internet and social networks, these were highlighted as a control tool used by the partner, thus facilitating the occurrence of violence. On the other hand, provided access to information and knowledge related to feminism; and it also offered the possibility of keeping records and evidence of the violence that have been experienced, being described as fundamental for coping and maintaining a romantic relationship. Friendship networks were also referred as essential to face violence and were seen as one of the main sources of social support by them. But directly and indirectly, also collaborated with the conflicting context in the relationship, through social isolation and withdrawal from friends after several warnings about perceived violence.

**Keywords:** friendship; internet; interpersonal relationship; intimate partner violence.

Pedruzzi, P. F. (2019). **La participación de amigos en la violencia de la pareja contra las mujeres en contextos online y offline**. Tesis de maestría. Programa de pós-graduação em Psicologia de la Universidad Federal del Espíritu Santo, Brasil.

## RESUMEN

La violencia de pareja íntima (IPV) es un fenómeno que ha atraído la atención mundial. En Brasil, y especialmente en el estado de Espírito Santo, el número de mujeres víctimas crece cada año. Desde esta perspectiva, esta investigación tuvo como objetivo analizar la participación de amigos en la violencia de pareja contra las mujeres, investigando contextos online y offline en las relaciones románticas. A través de un estudio de caso cualitativo múltiple y caracterizado como un levantamiento, se entrevistó a 12 mujeres que informaron haber experimentado una relación íntima que consideraban violenta y utilizaron al menos una red social en el momento de la recolección. Los participantes fueron abordados a través de la técnica de bola de nieve. El instrumento utilizado fue un guion de entrevista semiestructurado, elaborado en base a los objetivos de la investigación. Para el análisis de datos, el método utilizado fue el análisis temático. Se identificaron cuatro temas principales contra los datos recopilados: (a) el historial de relaciones; (b) violencia de relación; (c) internet, violencia y relación; y (d) la red de amistad. Los resultados señalaron un contexto conflictivo, antes, durante y después de la relación, que favoreció el desarrollo de la violencia de pareja. Los tipos de violencia citados por los participantes involucraron acciones de violencia física, psicológica y sexual. Una vez finalizado, los participantes tenían más probabilidades de comprender el concepto de violencia, especialmente las definiciones de violencia psicológica y violencia como ciclo. Se ha demostrado que Internet y la red de amigos tienen varios roles con respecto a la violencia de la pareja contra las mujeres. En cuanto a Internet y las redes sociales, se destacaron como herramientas de control utilizadas por el socio, lo que facilita la aparición de violencia. Por otro lado, pudieron proporcionar acceso a información y cuestiones feministas; También ofrece la posibilidad de mantener registros y evidencia de la violencia que se experimentó, siendo mencionado como fundamental para la confrontación y el mantenimiento de una relación romántica. Las redes de amistad también se mencionaron como esenciales en la confrontación de la violencia, y pueden ser consideradas como una de las principales fuentes de apoyo social por parte de los entrevistados. Pero, directa e indirectamente, también colaboraron con el contexto conflictivo en la relación, a través del aislamiento social y la lejanía. amigos después de varias advertencias de estos contra la violencia percibida.

**Palabras-clave:** amistad; internet; relacionamiento interpersonal; violencia de pareja íntima.

## INTRODUÇÃO

### *1. Apresentação*

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012) define violência por parceiro íntimo como uma das formas mais comuns de violência contra a mulher, incluindo abuso físico, sexual e emocional, além de comportamentos de controle com a vítima. Tal tipo de violência ocorre em todos os grupos socioeconômicos, religiosos e culturais. Dados apontam que cerca de 30% das mulheres do mundo que já estiveram em um relacionamento sofreram violência física e/ou sexual pelo parceiro íntimo, sendo que 38% dos homicídios de mulheres são cometidos nesse contexto (OMS, 2013). No Brasil, por exemplo, o tema “assédio” foi o 26º assunto mais comentado na internet em 2017, tendo um aumento de 26000% a menções ao assédio virtual (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018)

Faz-se necessário ressaltar que a violência não se limita a interações presenciais. Segundo dados da Comissão de Banda Larga para o Desenvolvimento digital da ONU (*The Broadband Commission for Digital Development*), a violência contra mulheres na internet se torna mais expressiva e preocupante a cada ano, evidenciando-se, assim, a necessidade de trabalhos que envolvam o combate a essa forma de violência (UN Women, 2015). O documento em questão pontua a importância de discutir esse tipo de violência juntamente com fatores que possam auxiliar no enfrentamento e prevenção dessas situações. Por este ângulo, a amizade se mostra como uma possibilidade de investigação que pode contribuir para o enfrentamento da situação, coerente com a necessidade de sensibilização apontada no relatório da ONU mencionado previamente (UN Women, 2015).

Do ponto de vista dos estudos do relacionamento, especificamente a partir de uma

abordagem dialética, como a proposta de Robert Hinde (1997), diferentes tipos de relacionamento estão entrelaçados, de modo que não se poderia considerar a violência por parceiro íntimo como um fenômeno que se restringe somente ao relacionamento entre a mulher e seu parceiro. De modo geral, diversos programas para a redução da violência por parceiro íntimo envolvem de forma direta a rede social das pessoas implicadas, seja para a identificação do fenômeno, para sua prevenção ou ampliação de formas de enfrentamento (Parker, 2015; Sylaska & Edwards, 2014; Wright, 2015). Portanto, o estudo pretende explorar, sob a perspectiva de mulheres, a participação da rede de amigos em episódios de violência *online* e *offline* em um relacionamento entre parceiros íntimos.

## *2. Relacionamento romântico e violência contra a mulher*

Relacionamento romântico pode ser considerado como um dos mais relevantes dentro do estudo dos relacionamentos interpessoais, gerando bastante interesse nos contextos acadêmico e cotidiano (Silva, Andrade & Cassepp-Borges, 2013). Relacionamento interpessoal, na perspectiva de Robert Hinde (1997), é um processo dinâmico e dialético, envolvendo diversos níveis de complexidade que se afetam mutuamente, como interações, relacionamentos, grupos e a sociedade. Estes níveis ainda sofrem a influência do ambiente físico e das estruturas socioculturais. Não somente os diferentes níveis de complexidade se afetam dialeticamente, mas também diferentes tipos de relacionamento se influenciam mutuamente, como o relacionamento romântico e as relações de amizade, que são o foco da presente investigação.

Uma parte significativa da violência contra a mulher ocorre dentro de um relacionamento íntimo. Sendo assim, a violência por parceiro romântico é um tema que apresenta intersecções importantes com o estudo do relacionamento amoroso. Schlösser e Camargo (2013) investigaram o conteúdo das publicações nacionais sobre amor e

relacionamentos românticos no período de 2000 a 2012. As principais categorias encontradas foram “saúde e relacionamento conjugal”; “ciúme e violência”; “tecnologia e instrumentos psicométricos” e “psicanálise e sociedade”. Para os autores, nos trabalhos levantados a violência representa aspectos negativos e danosos dos relacionamentos românticos, incluindo o controle do parceiro(a) em uma espécie de relação de poder que assume posições de autoritarismo, gerando assim ações de caráter violento que nem sempre são visíveis.

Attili e Hinde (1986), ao discutirem possíveis configurações de comportamentos agressivos de adultos, descrevem que a violência emocional acontece principalmente em contextos de relacionamentos mais íntimos. Nesse sentido, Cortez (2006) ressalta que mesmo que relacionamentos amorosos possuam conflitos e relações de poder, os desenrols violentos derivados desses desentendimentos comumente terminam vitimando a mulher, sendo essa uma especificidade do fenômeno em questão. A sigla IPV, *intimate partner violence* (violência por parceiro íntimo), é um descritor regularmente utilizado para descrever estudos que se propõem a investigar o tipo de violência que acontece nesse contexto íntimo e doméstico, caracterizada por abusos físicos, emocionais, sexuais e comportamentos de controle por um dos parceiros (OMS, 2013).

Nessa perspectiva, a violência contra à mulher encontra-se como um problema de saúde pública, debatido mundialmente. Segundo a Organização Mundial de Saúde, uma a cada três mulheres experienciarão algum tipo de violência física ou sexual por um parceiro ou não-parceiro na vida (OMS, 2013). No Brasil, a configuração também é inquietante. Em dados divulgados pelo Cerqueira et al. (2019), 4936 homicídios de mulheres foram registrados, atingindo uma média de 13 mortes de mulheres por dia.

A partir de uma perspectiva de gênero, conforme Blay (2014), é possível apontar que a violência contra a mulher sustenta e é sustentada por valores patriarcais e faz a

manutenção de relações de poder, principalmente através da noção da dominação e subordinação. A autora discute que na América Latina e especificamente no Brasil, a concepção biológica de gênero acaba influenciando na compreensão dos direitos e deveres de homens e mulheres (Blay, 2014). A violência contra a mulher em um relacionamento íntimo raramente é reconhecida pela vítima, passando despercebida principalmente quando o abuso não ocorre de maneira física (Parker, 2015). Essa invisibilidade é discutida também a partir de estudos que abordaram as visões de profissionais acerca do tema. Scarpati (2013) investigou os mitos de estupro em casos de violência sexual por meio da percepção de estudantes de direito, que apresentaram contradições entre as representações sociais de “justiça” e “imparcialidade”, com a reprodução de discursos que validam preconceito e opressão frente às vítimas. No âmbito da saúde, Pedrosa e Spink (2011) chamaram a atenção para a naturalização da violência institucional no atendimento às vítimas, que também perpassa essa invisibilidade.

Por outro lado, ações de apoio e prevenção vêm sendo adotadas nos últimos anos tanto no país quanto em outras regiões da América Latina através de medidas legislativas como a Lei nº 11340 (2006), conhecida como “Lei Maria da Penha”, além da criação e sistematização de delegacias voltadas para esse tipo de violência (Perova & Reynolds, 2017). Intervenções com autores da violência entre parceiros íntimos também estão presentes no contexto latino-americano, em especial, o brasileiro, principalmente por meio de organizações não-governamentais, utilizando-se grupos terapêuticos pautados em perspectivas feministas e de caráter psicoeducativo (Toneli, Lago, Beiras & Clímaco, 2010). Prevenção e cuidado através de intervenções com adolescentes e jovens também são vistos nesse contexto (Santos, 2016; Hernández, Moreno & Castillo, 2018).

Além disso, a investigação de características e variáveis que permeiam a violência contra a mulher em um relacionamento íntimo representa uma tentativa de

entendimento desse fenômeno de forma mais integral. Entre as diversas perspectivas, é possível citar estudos que visaram, por exemplo: compreender as origens, as atitudes e representações sociais frente a violência entre parceiros íntimos (Ali & Naylor, 2013; Chester & Dewall, 2018; Machado, 2016; Scarpati, Rosa & Guerra, 2017; Wang, 2016); realizar uma análise crítica de denúncias feitas com base na Lei “Maria da Penha” e aspectos ligados à judicialização (Cortez, 2012); análise do contexto familiar e de seus desdobramentos (Colossi, Marasca & Falcke, 2015; Justino, 2017); análise das consequências na saúde mental das vítimas (Beydoun, Willians, Beydoun, Eid & Zonderman, 2017; Bittar & Kohlsdorf, 2017; Nascimento, Costa, Costa & Cunha, 2018), entre outros.

### *3. A intermediação das tecnologias de informação nos relacionamentos interpessoais e na facilitação da violência*

É discutido que a tecnologia e a internet podem colaborar para o desenvolvimento dos relacionamentos é algo consolidado em diversas pesquisas, tendo seu uso propiciado um novo contexto no qual diversas práticas sociais se entrelaçam e são construídas, sejam elas novas ou antigas (Baron, 2002; Carter, 2005; Recuero, 2012). Um dos principais expoentes da comunicação virtual e são os sites de redes sociais *online*, que “representam uma nova tendência de partilhar contatos, informações e conhecimentos” (Patrício & Gonçalves, 2010, p. 594). Boyd e Ellison (2007), ao relatarem as características das redes sociais virtuais, afirmam que estas proporcionam a possibilidade do indivíduo de criar um perfil *online* na qual possa se apresentar virtualmente, criar ligações com outros indivíduos conectados na rede e assim, adentrar ainda mais na navegação destas associações. As autoras descrevem três características essenciais das redes sociais virtuais, sendo estas: (1) a possibilidade de criação de um perfil público ou semi-público

dentro de um sistema limitado; (2) a articulação de usuários que compartilham suas redes; (3) a expansão desta por meio também da conexão com os “amigos” de outros usuários, sendo que as nomeações às ações realizadas nas redes podem variar de acordo com cada site (Boyd & Ellison, 2007). Além disso, nas redes sociais *online* existe a possibilidade de compartilhamento de fotos, vídeos e textos, bem como seus integrantes podem criar e participar de “comunidades, grupos e listas” (Ferreira, 2012, p. 16).

Atualmente, *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* são considerados exemplos de grande relevância atualmente na internet, tendo estes, milhões de usuários e sendo vistos como serviços que objetivam a interação entre pessoas e espaços conversacionais (Blank & Lutz, 2017). O *Whatsapp*, *Facebook Messenger* e *Telegram*, mesmo não se configurando no perfil de redes sociais *online*, são exemplos de sistemas mensageiros que proporcionam o contato com outras pessoas por meio da conexão pela internet, que podem utilizar o recurso de grupos como meio de comunicação. Estes são serviços que também apresentaram um crescimento exponencial em seu uso nos últimos anos, principalmente no Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2018).

Nesse âmbito, existem investigações de fatores que contribuem para a facilitação da comunicação e que proporcionem uma maior integração das pessoas que as utilizam, como o estudo das redes sociais *online* e a criação de vínculos (Focosi & Souza, 2016; Martins, Abreu-Rodrigues & Souza, 2015), do ensino virtual (Burin, Coccimiglio, González & Afanador, 2016; Oliveira, 2017), das realidades virtuais e o uso em tratamentos de saúde (Borloti & Fornazari, 2016; Haydu, Paula, Zacarin, Santos, Livia & Cecato, 2018; Pieta & Gomes, 2014). Por outro lado, já é nítida também uma preocupação científica com as consequências negativas geradas a partir do uso das tecnologias de informação e da internet. Dependência, preconceito, notícias falsas e a violência em diversos cenários *online* são alguns exemplos de como esses elementos podem ser

utilizados de maneira prejudicial, nociva e perigosa (Santos et al, 2017; Guedes, Nardi, Guimarães, Machado & King, 2016; Araújo, Coutinho, Alberto, Santos & Pinto, 2018; Pennycook, Cannon & Rand, 2018; Wendt & Lisboa, 2013). Nesse sentido, dentro da psicologia destaca-se a *Cyberpsychology*, área que apresenta investigações que buscam compreender as mudanças na vida das pessoas advindas de tecnologias emergentes, além de visar “ajudar os usuários a lidarem com seus ambientes digitais e utilizar tais ambientes para promover bem-estar” (Riva, Calvo & Lisetti, 2015, p. 457).

Em um contexto no qual as tecnologias de informação e mídias sociais se tornam presentes no cotidiano, é possível concluir que a socialização também ocorre nos espaços virtuais, assim como os processos de violência e exclusão, inclusive aqueles ligados às questões de gênero (Rocha, 2015). O *Facebook*, por exemplo, pode ser considerado um veículo que colabora na condução de “formas subjetivas, e mesmo objetivas, de violência, mesmo que simbólica. Grupos detentores de poder produzem conteúdos digitais com capacidade de exacerbação dessa violência” (Rocha, 2015, p. 220).

Sendo assim, tais serviços *online* também se tornaram facilitadores da reprodução de violência: desde a precarização do acesso de mulheres à internet, até a utilização destas ferramentas como mediadoras de comportamentos agressivos (Estébanez & Vazquez, 2013). Nesse sentido, é possível citar o *cyberbullying* como exemplo dessas práticas, disseminadas principalmente entre jovens e adolescentes sob diversos ângulos. Patchin e Hinduja (2006) descrevem que tal prática é caracterizada como um dano, agressão, que é realizada de maneira repetitiva e intencional através de uma mídia eletrônica, na qual o agressor tende a receber algum tipo de benefício vindo de determinada ação violenta. Os autores destacam que o agressor geralmente detém algum tipo de poder sobre a vítima, seja esse percebido ou realmente factual. Tal definição entra em consonância com a literatura citada anteriormente na qual descreve-se

a violência contra a mulher juntamente daquela que é praticada por parceiro íntimo (Patchin & Hinduja, 2006). Seguindo essa perspectiva, Marganski (2013) chama atenção para o fato de que da mesma forma que o *cyberbullying* tem consequências *offline*, as agressões *online* feita por parceiros íntimos também podem apresentar repercussões na vida cotidiana, ressaltando principalmente o fato de que as comunidades virtuais e não-virtuais estão bastante interligadas.

Tal detalhe já é percebido em pesquisas. Martínéz-Pecino e Durán (2016), ao investigarem *cyberbullying* em estudantes universitários, destacam que 48,4% relataram ter praticado algum tipo de violência com um parceiro romântico através do uso de celular e 37,5% pela internet. Além disso, os autores também comunicaram correlação entre homens que apresentaram concepções sexistas com práticas de *cyberbullying* contra suas namoradas. Sargent, Krauss, Jouriles e McDonald (2016) destacaram que aspectos psicológicos da violência entre parceiros íntimos estão associados com uma “*cyber* vitimização”, estando assim relacionada a tentativas de afligir o bem-estar da vítima. No Brasil, Canezin e Almeida (2015) por meio de uma revisão de literatura, discutiram o fenômeno do ciúme e a intermediação das redes sociais virtuais no funcionamento e manutenção deste, evidenciando a existência de comportamentos agressivos que permeiam invasão de privacidade e controle sobre o parceiro através do uso da internet. Segundo os autores, ao mesmo tempo que tais mídias facilitam a comunicação em um relacionamento romântico, elas também propiciam canais de infidelidade e ciúmes (Canezin & Almeida, 2015).

De maneira geral, a violência *online* (*cyber aggression*) se configura como o uso das tecnologias de informação como um canal facilitador de um comportamento ofensivo e agressivo contra outra pessoa (Marganski & Melander, 2015). Ao investigarem a violência entre parceiros íntimos tanto de maneira virtual quanto presencial, Marganski e

Melander (2015) destacaram que de 540 participantes (jovens adultos em um relacionamento romântico no momento da coleta), 73% experienciaram algum tipo de violência *online* no relacionamento íntimo. As autoras descrevem que na amostra, os contextos presenciais e virtuais estiveram relacionados, com a presença de agressões psicológica, física e sexual em ambos ambientes (Marganski & Melander, 2015).

Ao considerar o relacionamento romântico e o contexto virtual, algumas práticas que podem estar ligadas à episódios de violência se destacam, como o *harassment/stalking* (perseguição e tentativas de controle), o *sexting* (mensagens com conteúdo sexual), o *revenge porn* (pornô de vingança), as agressões diretas, entre outros (Flach & Deslandes, 2017; Melander, 2010). A perseguição (também chamada de *harassment* na literatura) compreende tentativas de controle do parceiro por meio das tecnologias de informação com relação aos amigos, conhecidos, família, ou seja, da rede de contatos da vítima, sendo esse tipo vinculado a uma perspectiva de gênero e relações de poder do parceiro íntimo agressor em questão (Borrajo, Gámez-Guadix & Calvete, 2015; Flach & Deslandes, 2017).

O *sexting* consiste no envio de mensagens ou imagens de conteúdo sexual através do uso de celulares, aparelhos eletrônicos e/ou da internet (Mitchell, Finkelhor, Jones & Wolak, 2012). Evidencia-se que a prática pode apresentar consequências positivas, como satisfação no relacionamento, por exemplo, porém as decorrências negativas são mais presentes, principalmente entre os mais jovens (Drouin, Coupe & Temple, 2017), sendo esta uma nova forma de interação amorosa (Benotsch, Snipes, Martin & Bull, 2013). Um dos efeitos negativos do *sexting* é o *revenge porn* (pornô de vingança), caracterizando-se pela distribuição de materiais pornográficos (imagens, vídeos, entre outros) sem o consentimento da pessoa envolvida, normalmente estes sendo originados de um relacionamento íntimo (Citron & Franks, 2014).

Segundo Bates (2017), geralmente, o compartilhamento ocorre depois do término de um relacionamento com um parceiro íntimo, sob a forma de vingança. Englander (2015), em um estudo que contemplou 421 universitários americanos com idade entre 18 e 19 anos, verificou-se que cerca de 70% sentiram algum tipo de coerção ou pressão para enviar um material desse teor; porém, mesmo com as consequências negativas (emoções negativas e *bullying*), a maioria (74%) se mostrou feliz com os resultados do *sexting*. Isso mostra que a prática apresenta cada vez mais um apelo social por conta das chances de popularidade, como uma oportunidade de flerte, entre outros (Englander, 2015). Porém, os resultados negativos podem, inclusive, ser comparados com o assédio e a agressão sexual, por exemplo, sendo as consequências danosas à saúde mental parecidas com as de mulheres vítimas de estupro, como estresse pós traumático, depressão, ansiedade, problemas de confiança, dentre outras implicações (Bates, 2017; Bloom, 2014).

Burris (2014) destaca que a violência *online* entre parceiros íntimos – com ênfase no *revenge porn* – é de difícil enquadramento nas leis americanas, principalmente devido ao crescimento exponencial deste fenômeno. Lins (2019) destaca que a luta por estas tipificações das violências perpassam perspectivas sobre direito, bem-estar, gênero e sexualidade. Segundo a autora, significados e sentidos acerca da violência não são universais e evidenciam disputas de poder entre diversos grupos para destacar o que seria considerado ou não adequado para o contexto social.

Lins (2019) descreve ainda que o desenvolvimento de leis que tipificam as violências como crimes é uma maneira de realizar o reconhecimento da legitimidade de demandas de lutas sociais. Como exemplos é possível citar a lei nº 12737 (2012), conhecida como “Lei Carolina Dieckmann”, que trata sobre a tipificação de delitos informáticos, tendo sua concretização derivada de um episódio de violação de privacidade

experienciada pela atriz Carolina Dieckmann, a qual teve seus aparelhos pessoais invadidos e fotos e conversas íntimas divulgadas na internet sem sua autorização. Outro exemplo é a Lei nº 13642 (2018), conhecida como “Lei Lola”, que provê dar competência à Polícia Federal na investigação de crimes virtuais de misoginia e discurso de ódio contra mulheres. A aprovação de tal lei foi motivada principalmente por episódios de violência de gênero vividos pela ativista Lola Aronovich na internet (Agência Senado, 2018). Também em 2018, foi promulgada a chamada “Lei do Assédio” (Lei nº 13718/2018), que buscou realizar modificações no Código Penal Brasileiro acerca de crimes de liberdade sexual que antes não eram incluídos em crimes de estupro ou de “importunação ao pudor”, também enquadrando situação de divulgações não autorizadas de imagens eróticas (Lins, 2019).

Assim, é possível destacar duas formas principais de violência contra a mulher que serão investigadas no presente estudo: a violência presencial e a violência mediada pelas tecnologias de informação, como através celulares e internet, por exemplo.

#### *4. Violência por parceiro íntimo e relações de amizade*

O ser humano é um ser essencialmente social, sendo este um fato que é bastante discutido dentro da psicologia, de maneira que “a mera expectativa de como será o comportamento do outro (ou de seus pensamentos ou sentimentos) influencia nossas ações” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2015, p. 15). A busca por relacionar-se e participar de grupos faz parte da espécie, e pode contribuir para proporcionar felicidade (Argyle, 2001). Hinde (1997) descreve os relacionamentos interpessoais como um fenômeno variado na vida humana, sendo marcados por níveis de complexidade, apresentando-se em diversos contextos. Relacionamentos entre pais e filhos, alunos em uma escola, trabalhadores em uma empresa, parceiros românticos, entre outros, são

alguns exemplos da pluralidade de contextos nos quais os relacionamentos interpessoais estão inseridos. Além disso, também é possível considerar as influências culturais e ambientais que estas relações recebem, não podendo ser concebidas de forma isolada (Hinde, 1997). Nesse sentido, a presença das relações interpessoais é constante nos desdobramentos sociais, sendo que “todo encontro entre duas pessoas representa uma interação ou mesmo um relacionamento” (Garcia, 2013, p. 7).

Partindo dessa premissa, a amizade é um tipo de relacionamento interpessoal que se caracteriza por “interações igualitárias nas quais uma pessoa é atraída por outra, e vice-versa” (Saldarriaga, Bukowski & Greco, 2015, p. 63). Holder e Coleman (2015) destacam que na amizade existe uma necessidade entre duas pessoas. Amizade também pode ser definida como um relacionamento voluntário composto por interdependência entre dois sujeitos, que inclui “a experiência e satisfação de várias provisões (intimidade, suporte e auto-validação) em diversos níveis” (Demir, Özen & Procsal, 2014, p. 2359).

De maneira geral, a amizade está intrinsecamente ligada à investigação do bem-estar e qualidade de vida. Saldarriaga, Bukowski e Greco (2015) apontam que as amizades, ao serem relacionamentos significantes, possuem a capacidade de produzir um desenvolvimento social e pessoal positivo, além de fornecerem proteção a sujeitos que estão sob risco para um fortalecimento frente às dificuldades. Buscando uma contextualização, Garcia, Pereira e Macedo (2015) verificaram produções na América Latina que investigaram amizade e sua associação com felicidade. A partir de tal estudo, foi possível perceber que há, sim, uma ligação entre felicidade e amizade, porém a variabilidade teórica e metodológica no tema dificulta a apreensão de um panorama das pesquisas sobre o assunto na região. Souza e Duarte (2014), por sua vez, ressaltam que o estudo da amizade no Brasil relacionado ao bem-estar se ampliou nos últimos anos, porém deve se estender para a compreensão de outras variáveis. As autoras citam o

relacionamento romântico como um elemento que pode ser inserido em investigações desse tipo, configurando-se em pesquisas que propiciem em um maior aprofundamento acerca destes dois relacionamentos como fontes de bem-estar e felicidade.

A ligação entre amizade e relacionamento amoroso pode se desdobrar de diversas formas. Essa configuração pode ocorrer desde um relacionamento de amizade que possa se transformar em romance (Guerrero & Mongeau, 2008); nas similaridades em suas concepções conforme Hinde (1997) aponta; e até como facilitador e contribuidor na manutenção de um relacionamento amoroso (Mussumeci & Ponciano, 2013), por exemplo.

Além disso, é possível ressaltar a rede de amigos externa ao relacionamento romântico como uma variável que pode influenciar no desenvolvimento, preservação ou apoio a esse relacionamento. Rözer, Mollenhorst e Volker (2015) analisaram as mudanças nas redes pessoais de adultos que se engajaram em um relacionamento romântico. Os autores discutem as alterações em tais relações são dinâmicas, observando que existem tendências de cada lado em se adaptar perante os interesses do parceiro(a) com relação a composição e ao tamanho de suas redes pessoais de contato. Juntamente a este fato, os investigadores perceberam que a saída e/ou diminuição do contato com suas redes se dá de maneira temporária, mesmo que estas tenham sido diminuídas no princípio do relacionamento amoroso (Rözer, Mollenhorst & Volker, 2015). Kalmijn (2012) também aponta que a procura pela rede de amigos e o contato com esta se modifica de acordo com o ciclo de vida e as necessidades existentes. De acordo com o autor, o nascimento de um filho ou a perda de um cônjuge, por exemplo, pode afetar positiva ou negativamente neste contato (Kalmijn, 2012).

Nessa perspectiva, ao pensar a violência contra a mulher em um contexto entre parceiros íntimos, a rede de amigos também se destaca. Mead e Kelty (2018) investigaram

a atribuição causal dada por amigos de agressores em casos de IPV com base na teoria da identidade social. Os resultados encontrados pelas pesquisadoras indicaram que a maioria dos participantes não encerrariam uma amizade com o agressor(a) em questão, caso já seja amigo(a) dele, preferindo estar próximo deste para exercer uma possível influência no(a) mesmo(a) – seja por algum tipo de intervenção ou também por escolher não agir a fim de não interferir no ocorrido. Além da intenção de continuar a amizade com o agressor, os “amigos” entrevistados também apresentaram alta culpa e atribuição externa a decisão de manter relacionamento com a pessoa em questão. Witte e Mulla (2012), ao verificarem normas sociais em contextos de infidelidade, encontraram resultados relativos a estudantes universitários, nos quais os homens neste perfil acreditam que é mais comum que seus amigos, também homens e estudantes homens, de maneira geral, se envolvam em episódios de IPV contra as namoradas que foram infiéis e exerceram algum tipo de traição. Além de tal ponto de vista, pesquisas também encontraram impacto da situação de IPV nos amigos da vítima por meio de “sofrimento emocional, validação e confusão” (Sigurvinsdottir, Riger & Ullman, 2016, p. 2952).

Ao refletir sobre o fenômeno do *revenge porn* e do *sexting*, no estudo de Englander (2015) com estudantes universitários americanos, uma das consequências negativas da prática foi o *bullying*, sendo este praticado por diversas pessoas, mas também praticado pela rede de amigos conforme relatado pelos participantes. Nessa perspectiva, Pina, Holland e James (2017) comentaram sobre o papel dos espectadores do *revenge porn* e do *sexting* ao relatarem em seu estudo que a maioria dos participantes compartilhariam algum tipo de mensagem recebida de teor sexual (99%); além de apresentarem níveis de satisfação (87%) com relação ao *revenge porn*. Os autores sugerem que a partir desses dados levantados, os participantes envolvidos na pesquisa provavelmente não se envolveriam na prática diretamente, mas se colocariam em uma

posição de observadores e testemunhas, podendo refletir assim na facilitação dessa aprovação do *revenge porn* na disseminação rápida dos materiais (Pina, Holland & James, 2017). Meyer (2016) também aponta que as amigadas - entre outras fontes de apoio - de pessoas que passaram por tal tipo de violência podem colaborar para a culpabilização da vítima, minando até pedidos de ajuda para a resolução dos conflitos.

Por outro lado, em conformidade com estudos que ressaltam o bem-estar proporcionado pelas relações de amizade, existe a perspectiva de que os amigos se apresentam como fonte de apoio social às vítimas de IPV. É importante pontuar que diferenças culturais e interpessoais das fontes de apoio – como gênero e classe social, por exemplo - podem desempenhar funções relevantes na decisão de pedir ajuda (Liang, Goodman, Tummala-Narra & Weintraub, 2005). Pesquisas indicam que as vítimas se direcionam na maioria das vezes a pelo menos um elemento informal de apoio, como a família, colegas de classe, e os amigos, por exemplo; sendo que a reação destes acerca da violência vivenciada é extremamente importante no bem-estar da mulher vítima (Goodkind, Gillum, Bybee & Sullivan, 2003; Sylaska & Edwards, 2014). Ermer, Roach, Coleman e Ganong (2017), ao investigarem o papel dos espectadores em casos de violência entre parceiros íntimos, destacaram que para a maioria dos respondentes da pesquisa, os amigos são melhores interventores do que outras pessoas da sua rede de contatos, pois estes apresentam um maior conhecimento do contexto vivenciado e assim podem interferir de maneira mais apropriada. Além disso, os amigos (bem como a família, entre outras fontes de apoio) têm a potencialidade de também prover apoio instrumental (financeiro, por exemplo), que pode inclusive colaborar para que a mulher vítima saia do relacionamento violento (Wright, 2015).

Em um contexto virtual de socialização, as amigadas também se inserem como relações que acontecem mediadas nesse ambiente. É fato que as mudanças sociais

derivadas de avanços tecnológicos contribuíram para a formação de vínculos de amizade entre pessoas de diversas regiões, culturas e origens (Garcia, Bitencourt Neto, Moura & Pepino, 2010). Podem iniciar-se em contextos presenciais, dando-se continuidade de maneira *online*, vice-versa; ou ainda mantendo-se completamente através da utilização das plataformas virtuais, como as amizades que nunca foram físicas ou próximas geograficamente (Pylro, Rossetti & Garcia, 2011). O *Facebook* é um exemplo de rede que mantém seus usuários conectados por meio da utilização da palavra “amigo”. Porém, não se pode ignorar o fato de que a utilização de tais serviços ocorre por meio da apropriação do usuário das ferramentas e recursos presentes nos ambientes virtuais das redes sociais *online* (Maia & Braga, 2017). Com isso, a compreensão dos vínculos de amizade virtuais e seu intercâmbio entre o *online* e *offline* pode ser diferenciado de acordo com as características da rede em questão, o contexto de inserção e as necessidades envolvidas no relacionamento interpessoal. Ampliar tais pontos para um quadro na qual se trate de um episódio de IPV pode ser uma oportunidade de pensar em noções de prevenção e apoio, tanto de maneira *online* quanto *offline*.

##### 5. Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é explorar, sob a perspectiva de mulheres, a participação da rede de amigos em episódios de violência *online* e *offline* em um relacionamento entre parceiros íntimos. Os objetivos específicos são: (a) descrever episódios de violência por parceiro íntimo de maneira geral; (b) identificar o papel das tecnologias de informação, mídias sociais, redes sociais *online* e mensageiros na prática dessa violência; (c) identificar e categorizar a participação da rede de amizades no relacionamento romântico, antes, durante e depois dos episódios de IPV, de maneira *online* e *offline*.

## MÉTODO

A presente dissertação é uma investigação de natureza qualitativa. A pesquisa foi composta por um estudo de casos múltiplos, que se qualifica por investigar uma pluralidade de situações além de um estudo de caso tradicional, destacando-se por sua capacidade de replicabilidade e protocolo de estudo (Yin, 2015).

### *1. Participantes*

Foram entrevistadas 12 mulheres com a idade entre 22 a 39 anos. Todas as participantes relataram fazer uso de pelo menos uma rede social *online* no momento da coleta e a amostra se deu por facilidade de acesso e por conveniência. A escolha da faixa etária deu-se na tentativa de contemplar mulheres jovens adultas e adultas, nas quais a incidência deste fenômeno prevalece (UN Women, 2015; Peterman, Bleck & Palermo, 2015).

Para atingir o número necessário de participantes foi utilizado o critério de saturação. Este estipula que ao atingir-se um nível onde as informações essenciais para os temas são encontradas, tem-se o número de entrevistas adequado para o tema de pesquisa proposto (Ando, Cousins & Young, 2014).

### *2. Instrumento*

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário (Apêndice A) para a realização de entrevistas. Inicialmente, contou com questões sociodemográficas a fim de conhecer mais detalhes das participantes, que serão descritos na seção de

resultados. Perguntou-se a idade, profissão, escolaridade, religião, estado civil no momento da coleta e o tempo de duração do relacionamento na qual o episódio de violência ocorreu.

O instrumento foi elaborado com base nos objetivos de pesquisa apontados previamente e também no referencial teórico do tema. As questões buscaram abordar: o histórico do relacionamento específico relacionado ao evento de violência entre parceiros íntimos; o uso das redes sociais e das tecnologias de informação pela vítima e a intermediação destas no cotidiano; a rede de amizade da mulher participante e sua influência nesse relacionamento; a investigação das formas de enfrentamento de tal tipo de violência e a mediação das tecnologias de informação e da rede de amizades nesse processo.

### *3. Procedimento de coleta de dados*

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semi-estruturada com as participantes que consentiram com a participação na pesquisa, tendo seu áudio gravado para favorecer as análises qualitativas. A técnica utilizada foi a de entrevista episódica. Flick (2008) descreve que tal tipo de entrevista representa o contexto por meio das narrativas, com enfoque às experiências de maneira mais específica, abordando episódios e situações que permitam trazer elementos pertinentes à pesquisa realizada. A escolha por esta técnica justificou-se na medida em que dessa forma é possível acessar as vivências das mulheres participantes do estudo por meio de seu relato, principalmente utilizando-se de “incentivos narrativos”, como ao pedir exemplos que correspondam às situações experienciadas. Aproximando-se, assim, das memórias e conhecimento sobre a realidade.

Além disso, a entrevista episódica permite a triangulação de outras informações. Este tipo de técnica possibilita levantar para além de narrativas de situações, episódios, exemplos, definições subjetivas e declarações argumentativas-teóricas sobre o assunto em questão (Flick, 2009). Isso é útil pois “os dados produzidos na aplicação do método nem sempre cumprem o conceito ideal de uma ‘situação narrativa’” (Flick, 2009, p. 86).

Considerando o acesso da pesquisadora às mulheres, a técnica utilizada foi a de “bola de neve”, configurando-se como uma amostragem não-probabilística que ocorre através de cadeias de referência, a fim de favorecer o primeiro contato com a amostra (Vinuto, 2014). A escolha deste procedimento foi essencial para facilitar a aproximação com as participantes, pois a partir da primeira pessoa convidada foi possível realizar novos contatos.

#### *4. Procedimento de análise dos dados*

Inicialmente, as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, realizando breves correções em potenciais vícios linguísticos, porém sempre preservando a integridade dos relatos. Esta etapa se caracterizou como uma oportunidade de familiarização com os dados, além de já ser um ato interpretativo pois contribui para o início de significação das informações coletadas na entrevista (Reissman, 1993; Lapadat & Lindsay, 1999). Nomes fictícios foram dados a cada participante, a fim de preservar o anonimato conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Com isso, este procedimento teve como base a análise temática, conforme estruturada e descrita por Braun e Clarke (2006). As autoras esclarecem que tal procedimento se caracteriza por sua flexibilidade e por sua liberdade teórica, que permite leituras independentes dos dados alcançados. Com o objetivo de identificar temas dentro

do que é levantado pela pesquisa, a análise temática busca descrever o que foi coletado em vastos detalhes ao buscar padrões de significado.

Sendo assim, Braun e Clarke (2006) descrevem que o procedimento de análise temática contempla as seguintes fases: familiarização com os dados coletados; concepção de códigos iniciais; busca, revisão e nomeação dos temas; e por fim, a produção do relatório final. É importante ressaltar que as autoras reconhecem esse processo como recursivo ao não possuir uma sequência, ordem obrigatória, mas que através das fases, a identificação dos padrões para a leitura dos dados seja facilitada.

A partir disso, utilizando-se de um caráter indutivo guiado pelos próprios dados, estruturou-se a análise por meio de códigos e temas, facilitando assim a organização de mapas temáticos visando explorar os objetivos prévios da pesquisa. Nesta etapa, construiu-se tabelas com os temas que emergiram da leitura das entrevistas, a fim de obter uma organização dos dados. Através dos mapas temáticos foi possível compreender e visualizar melhor os temas que emergiram da análise e, assim, capturar a essência de cada assunto abordado em cada tema (Braun & Clarke, 2006).

##### *5. Questões éticas*

Esta dissertação teve como base a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Após a banca de qualificação, o projeto foi enviado para apreciação no Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo, sob o CAEE nº 06931118.0.0000.5542, para que somente a partir de sua autorização fosse dado início a fase de coleta. O relatório da aprovação encontra-se no Anexo A.

É importante ressaltar a importância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B) que foi apresentado a cada convidada, antes do início

da entrevista. O documento prevê o anonimato das participantes, a possibilidade de desistência da participação a qualquer momento sem ônus para as mesmas e o oferecimento de riscos mínimos para as participantes, sendo estes arcados por meio de encaminhamento à serviços psicológicos caso fosse necessário. O consentimento também se deu com relação a gravação do áudio das entrevistas, na qual foi explicitado antes de começar a necessidade de tal procedimento para a análise posterior dos dados, garantindo o sigilo e privacidade de todos os envolvidos nas histórias das participantes – tanto com relação à vítima, como aos terceiros implicados nas narrativas. Todas as participantes consentiram com os esclarecimentos acima, até a data da defesa desta dissertação.

## RESULTADOS

Os resultados serão descritos inicialmente por meio da caracterização das participantes. Logo em seguida, serão apresentados com base em quatro grupos temáticos resultantes da análise dos dados, incluindo (a) histórico do relacionamento; (b) a violência no relacionamento; (c) internet, relacionamento e violência; e, (d) redes de amizades.

### *1. Categorização das participantes*

A tabela 1 apresenta informações gerais acerca das participantes, conforme coletado através do questionário sociodemográfico. A partir de tais dados, é importante ressaltar alguns aspectos. Todos os relacionamentos citados pelas entrevistadas foram heterossexuais. A idades variaram entre 22 a 39 anos. É possível identificar que todas as participantes possuíam acesso ao ensino superior. Algumas estavam em um relacionamento romântico no momento da entrevista, porém todas já haviam finalizado o relacionamento com a pessoa pertinente ao relato de violência no namoro. Nenhuma esteve casada com o parceiro em questão. Apenas uma participante relatou ter tomado algum tipo de medida jurídica frente ao parceiro em questão. A participante Mirela descreveu em sua entrevista ter experienciado dois relacionamentos que considerou violentos, portanto, ambos são mencionados na tabela 1 quanto ao tempo de relacionamento.

Tabela 1

*Caracterização das participantes*

Participante	Idade	Profissão	Escolaridade	Estado civil	Religião	Tempo do relacionamento relatado
Paula	27	Estudante	Superior incompleto	Solteira (namorando)	Católica	6 meses
Bianca	26	Engenheira civil	Superior completo	Solteira (namorando)	Católica	2 anos e 2 meses
Eduarda	30	Servidora pública	Superior completo	Solteira	Agnóstica	4 anos
Amanda	27	Psicóloga	Pós-graduação completa	Solteira (namorando)	Agnóstica	1 ano e 6 meses
Isabela	22	Estudante	Superior incompleto	Solteira (namorando)	Agnóstica	2 meses
Alice	26	Engenheira civil	Superior completo	Solteira (namorando)	Católica	2 anos e 5 meses
Maria	39	Psicóloga	Pós-graduação completa	Solteira	Católica	40 dias
Bruna	26	Advogada	Pós-graduação completa	Solteira	Católica	4 anos
Juliana	26	Redatora	Superior completo	Solteira	Evangélica	2 anos
Aurora	22	Agente de aeroporto	Superior incompleto	Solteira	Católica	3 meses
Sara	28	Psicóloga	Pós-graduação completa	Solteira (namorando)	Católica	3 anos
Mirela	30	Psicóloga	Pós-graduação completa	Solteira (namorando)	Católica	2 anos e 9 meses/2 anos e 6 meses

## 2. *Histórico do relacionamento*

As descrições acerca do histórico do relacionamento contemplaram seu início, desenvolvimento e fim, juntamente às experiências após o término. O contexto foi um fator mencionado como importante durante o relacionamento.

### 2.1 O início do relacionamento

Inicialmente, o companheiro foi percebido de forma positiva pelas mulheres. Segundo os relatos, ele comumente se apresentava como uma pessoa ótima, reconhecida pela própria entrevistada e também por outros como carismático, uma pessoa que atrai outras pessoas para seu convívio. De maneira geral, uma pessoa que ninguém imaginaria que pudesse realizar algum tipo de ato violento.

Ele sempre foi uma pessoa carismática mesmo a palavra, sabe? Aquela pessoa que tipo, conversa com todo mundo, que é o “legalzão do rolê” [...]. (Isabela, 22a).

Ele se apresentava como um doce de pessoa, era um príncipe encantado, era uma coisa maravilhosa, era aquela coisa que todo mundo ficava: “nossa, gente, será que existe?” [...] (Amanda, 27a).

No início ele era muito parceiro. Assim, além de ter um relacionamento, ele era muito meu amigo. Então assim, nessa fase bem no começo, a gente era muito ligado, então ele me fazia muito bem (Aurora, 22a).

O contexto, por vezes, é mencionado como um fator que contribuiu para que o relacionamento se iniciasse e se desenvolvesse. O fato de estarem no mesmo contexto (ex.: trabalho, estudo, entre outros), se verem frequentemente por morarem próximo, além de aceitar entrar no relacionamento por conta da aprovação das pessoas envolvidas naquele contexto, por exemplo, foram alguns facilitadores. Dessa maneira, é possível perceber que o início do relacionamento em questão foi iniciado dentro de um contexto

social que o favoreceu.

E me pediu em namoro. E assim, ele tinha pedido para namorar com ele, mas eu não gostava dele. Só que todas as minhas amigas estavam namorando. E aí eu me sentindo um peixinho fora d'água [...]. Aí eu fui e aceitei, comecei a namorar com ele, minha família conheceu ele [...] (Mirela, 30a).

[...] Só que foi uma coisa bem esquisita, porque a gente tinha ficado separado, né. E não tinha... não tinha nenhum vínculo nesse tempo que eu saí, que eu fui pro exterior. E quando eu voltei, ele me pediu em namoro, do nada, na frente de todos os colegas deles num bar. E no momento eu aceitei porque eu fiquei sem graça. Mas não era o que eu queria (Amanda, 27a).

As referências ao início do relacionamento apontam para um início rápido e a um planejamento do futuro “adiantado”. Por vezes, o começo do relacionamento foi conturbado, com brigas e insistências para além das vontades das participantes. Outras mulheres disseram ter percebido posturas “machistas” vindas do parceiro e ter depois de um período, identificado mentiras ditas ainda no princípio do relacionamento por ele.

Eu morava numa casa e ele em outra. Eu morava com uma menina e dois meninos. Eles eram gays. E acho que ele era meio preconceituoso, ficava incomodado, sei lá. Ele era muito machão. Muito machão. Então acho que isso incomodava ele (Bianca, 26a).

E naquela noite mesmo, a gente já tava planejando um monte de coisa, como, que tipo de pessoa eu sou, que tipo de pessoa ele era, a gente falava muito disso [...]. Então, a gente foi se envolvendo assim, muito rápido, porque ele tava ferido por conta de um ex (Paula, 27a).

Eu achando que ele tinha 19 anos, que ele realmente fazia curso técnico. Várias mentiras foram lançadas nesse dia, depois eu fui conhecendo mais. Mas não foi pela boca dele que eu descobri essas mentiras. Na verdade, foi por outras pessoas. Na verdade, ele tinha 16 anos. Ele não tinha 19. Não estudava. Não tinha feito curso técnico nem nada. Ele ainda tava no fundamental. Que ele nem falava e eu não sabia (Juliana, 26a).

## 2.2 O desenvolvimento do relacionamento

No decorrer do relacionamento, as participantes relataram características acerca de seu parceiro e do momento que viveram durante o relacionamento. Descrevem que o parceiro costumava diminuir a relevância de seus posicionamentos, como se fossem “tempestade em copo d’água” ou para ressaltar a possibilidade de que ela(s) estivesse(m) louca(s); se mostravam possessivos e ciumentos, trazendo suposições acerca de seu passado e não cumprindo com combinados realizados entre os dois. Dessa forma, quando questionadas a respeito de momentos relevantes de sua história durante o relacionamento em questão, disseram ter dificuldade de lembrar momentos bons experienciados com a pessoa. Tais relatos se assemelham à prática de *gaslighting*, que será melhor abordada na discussão.

Por exemplo, quando eu fui fazer a prova da OAB. Que é um momento marcante né, pro estudante de direito. Um dia antes ele arrumou uma briga do nada. E a gente ia sempre pra missa de manhã, e a prova da OAB é pela tarde, no domingo à tarde. Ele não foi, não apareceu, me deu uma crise de choro na igreja. Só que isso não me afetou, porque eu fui muito bem na prova da OAB. Aí ele falou pra mim: “mas tá vendo? Tempestade em copo d’água, não teve prejuízo, você foi bem então...” (Bruna, 26a).

Ele chorava, ele fazia um teatro falando que ia mudar. Ele contava um monte de história. Da família dele, do pai que era drogado, a mãe falava não sei o que, não sei o que. Toda uma problemática e eu ficava morrendo de dó e aí ele me ganhava nisso. Sem contar que não cumpria coisas que a gente tinha combinado, eu cumpria (Amanda, 27a).

Ele já falava de coisas do passado. Com quem eu havia feito sexo antes dele [...]. Ele vinha com essa de que eu tinha que me arrepender de ter feito essas coisas, tinha que esquecer todas as pessoas com as quais eu fiquei, parar de falar com todos os caras que eu tinha falado (Sara, 28a).

Eu não consigo lembrar de momentos bons vividos com o João. Eu tava passando por momentos difíceis na universidade, não consigo lembrar (Paula, 27a).

De uma maneira geral, as entrevistadas consideraram o contexto na qual viviam

como conflituoso, seja com relação ao momento em que estavam, individualmente; ou com relação a outras pessoas do convívio do casal. Assim, relataram perceber que o companheiro se aproveitou de um momento de fragilidade e dificuldades com sua saúde mental. A respeito dos relacionamentos interpessoais, descreveram saber de desacordos entre os pais do parceiro, brigas e situações consideradas sexistas na família deste. Além disso, mencionaram observar que o companheiro repetia muitas das agressões que eram vistas em sua família no relacionamento íntimo do casal.

E quando eu decidi largar ele de vez, aconteceu uma coisa muito ruim, um assalto que eu vivi. E aquilo acabou de vez com a minha saúde mental. Eu desenvolvi stress pós-traumático, tinha medo de sair de casa. E aí, quem tava ali pra mim? Ele. [...] Aí menina, ele se aproveitou disso, eu tava muito frágil. E aí ele virou meu ponto de força [...]. E eu continuei nesse relacionamento com ele (Amanda, 27a).

[...] ele era uma pessoa muito frustrada. Isso, ele sempre demonstrou que ele era uma pessoa frustrada, ele também sofreu agressões, sofreu psicologicamente com a criação dele, porque ele contava histórias da família e tal... (Aurora, 22a).

O pai dele com a mãe, o pai dele trata a mãe dele muito mal. Então tipo assim, quando tudo tá calmo, muito tranquilo, é um amorzinho, mas quando tá estressado, quando tá estressado, acaba descontando nela. E depois de um tempo eu percebi que ele fazia a mesma coisa comigo. Quando ele tava bem, mas quando tava estressado por algum motivo, ia lá e descontava em mim (Alice, 26a).

E também quando eu comecei a criar coragem para enfrentar o pai dele. Porque o pai dele fazia umas brincadeiras idiotas, igual no churrasco da família, principalmente com relação a mulher, uns comentários machistas e principalmente depois que tava de fogo. E às vezes ele soltava algumas coisas com relação às traições dele com outras mulheres. E eu sempre engolia aquilo e acabava saindo de perto [...]. Acho que a partir daí que o José começou a botar as asinhas de fora (Mirela, 30a).

Quanto à dinâmica do relacionamento, foi possível perceber algumas características deste por meio do relato das entrevistadas. Comumente, as narrativas apresentaram que o relacionamento tinha bastante proximidade e intimidade. Sentir-se dependente do parceiro, “entrar no mundo dele”, manter muito convívio presencial,

querer estar perto dele por conta de um contexto considerado difícil, manter o relacionamento como “válvula de escape” são alguns exemplos.

[...] e eu meio que me envolvi com ele e fui pro mundo dele. Então todo final de semana eu tava dentro da casa do João. Eu não vivia mais a minha casa, não vivia mais o meu mundo com medo da rejeição, do medo e do fracasso. Então acho que isso é um motivo pra ficar ainda mais na casa dele [...] era uma válvula de escape (Paula, 27a).

Então, a gente sempre tava muito junto fisicamente porque a gente estudava na mesma faculdade. E eu fiquei na casa dele, direto. Até no meio da semana. Isso deixava meu pai putado (Alice, 26a).

E aí a gente vai entrando numa dependência. Você tem um cara aqui comigo, que tá aceitando do jeito que eu sou e eu tô com a autoestima super baixa, eu vou ficando com ele (Amanda, 27a).

Foi percebido através dos relatos, uma busca da parte das entrevistadas por um isolamento social por conta do relacionamento. Ao perceber um contexto difícil em que poderia ser julgada por conta do seu relacionamento, preferiram evitar o contato com pessoas mais próximas. Os relatos envolveram sentir vontade de esconder o que estava acontecendo, como abster-se de contar para a psicóloga sobre o seu relacionamento e ter medo do que outras pessoas diriam se descobrissem algum tipo de agressão.

[...] foi quando eu comecei a falar com ela [psicóloga]. Falei com ela só uma semana depois que eu terminei. Quando eu consegui falar sobre [...]. Enquanto eu tava com ele, eu não falava com ninguém, eu queria esconder essa merda desse relacionamento que eu tava tendo. Porque não era o que eu queria. Era uma vergonha disso que tava acontecendo (Bianca, 26a).

Eu sempre lidei muito com o outro, pensando no que os outros vão achar de mim, me sentir aceita no grupo, pelos primos, pelos colegas, pelos amigos do namorado (Mirela, 30a).

Um compromisso unilateral, assimétrico, também foi observado por meio das narrativas, com a relação, conflitos e enfrentamento. Nesse sentido, percebia-se preocupação e interesse com a sobrevivência e continuidade do relacionamento apenas por um dos lados do casal: as entrevistadas. As descrições abordaram sentir-se na

obrigação de estar no namoro e fazer “vista grossa” quanto as infidelidades do parceiro; sentir pena e preocupação com o mesmo depois das agressões e uso extremo de álcool; além de aceitar situações em que não queria estar e ter medo de perder o companheiro.

Só que eu lembro que com o João, eu tinha medo de perder ele. Ele não simbolizava só um amor. Ele simbolizava tudo que eu fugia [...]. Olha só como a doideira é: ele me bateu, eu ia embora e eu voltei porque eu achei que ele poderia estar dormindo na rua (Paula, 27a).

Então às vezes eu fazia vista grossa no que tava acontecendo, ele exigia de mim essa fidelidade, e aí ele não era fiel (Amanda, 27a).

Pena, eu fiquei com pena. Vai ver o cara se descontrolou, vou tentar conversar... eu fiquei com pena. Infelizmente, a gente é neurótico, a gente sente pena das pessoas (Maria, 39a).

Ainda com relação a compromisso, as entrevistadas tentaram retificar o relacionamento. Relataram pedidos constantes de desculpa por parte delas, tentativas de consertar as situações conflituosas e sentimento de responsabilidade para que o relacionamento “desse certo”.

Então, geralmente quando ele falava alguma coisa, eu tentava explicar a situação. Cara, porque você tá puto? Não foi isso, entendeu? Não aconteceu nada disso... Eu tentava explicar o que realmente tinha acontecido para ele não ficar puto, eu achava que ele tinha entendido errado. Mas mesmo assim, ele sempre reforçava, batia nessa tecla. Eu isso, eu aquilo, eu fiz isso, eu sou imatura, eu sou infantil, eu agi de mau gosto [...]. E isso é uma coisa minha que não é comum eu fazer isso. E mesmo assim eu falei desculpa. E ele disse: “você não tem que se desculpar comigo, você tem que se desculpar com você por ser tão c\*”.

(Isabela, 22a).

Tá, não é um bom relacionamento..., mas eu vou fazer que seja. Ou, não é um bom relacionamento, mas espera um pouquinho que daqui a pouco vai ficar. Demorou um pouco pra eu entender que isso não tá certo. E por isso, durou tanto tempo. No primeiro ano eu já sabia que não era aquilo que eu queria pra mim (Sara, 28a).

### 2.3 O Pós-Relacionamento

Com relação às percepções das entrevistadas sobre a vida após o término do relacionamento, relataram-se esquivas em falar sobre o acontecido, mudanças positivas percebidas em seu contexto, porém também dificuldades em lidar com o término.

Tenho amigos, mas eu nunca fui de falar sobre o problema. As mulheres da minha família sempre foram de enfrentarem sozinhas e caladas. Pra você ter uma ideia, quando meu pai morreu de câncer, eu fiquei sabendo, fui no funeral dele, sofri e no dia seguinte eu tava indo trabalhar. Então eu nem fiquei em casa [...]. Então eu evito ao máximo, tento evitar (Paula, 27a).

As mudanças após o fim do relacionamento foram percebidas por meio de duas perspectivas: positivas e negativas. Com relação às positivas, as entrevistadas disseram que a experiência pode ser encarada como um aprendizado. Por meio do relacionamento que viveram, relataram que puderam se aproximar do feminismo e saber identificar o que é violência em um relacionamento (caso aconteça novamente com elas ou com outra pessoa) e como deve ser um relacionamento considerado saudável.

Nunca me preocupei. Eu não tinha esse tipo de preocupação, até eu vivenciar esse relacionamento. Depois que eu vivenciei, eu comecei a pesquisar muito sobre relacionamento abusivo, sobre feminismo também. E aí eu comecei a me dar conta de que algumas coisas não eram normais (Amanda, 27a).

Nunca achei que eu fosse me preocupar com isso, de um cara me bater, e acho que foi bom ter acontecido, porque até hoje eu tenho muito orgulho de mim, eu diria, por ter percebido isso em tão pouco tempo. Ver que tem mulheres que ficam presas nesse tipo de relacionamento por anos e anos. Morrem, literalmente, sem conseguir sair disso. Eu acho que, que eu nunca tinha me preocupado com isso, mas depois que aconteceu, foi importante pra mim ficar atenta e perceber (Isabela, 22a).

Agora, depois disso, eu quero muito ser bem-sucedida primeiro, pra depois ter relação com alguém. E eu vejo assim, que como eu tenho um filho, envolver um filho numa relação é uma coisa muito delicada. Se for pra namorar, quero namorar, casar, e eu quero que meu filho saiba que tem alguém comigo, mas tem

alguém com ele também (Juliana, 26a).

Por outro lado, após o relacionamento, as participantes descreveram várias consequências negativas e dificuldades com relação ao enfrentamento da violência experienciada. Os relatos envolveram prejuízos emocionais e também com relação à imagem pessoal e profissional, além de interferências do ex-parceiro na vida da mulher após o término.

O dano moral e às vezes até profissional na vida de uma pessoa, o custo social dum criatura dessa no seu pé. Porque ele é perigoso. Ele é uma pessoa que bota uma porta de vidro a baixo e fala que esse cara não é perigoso? [...] E as mesmas pessoas que me davam parabéns por estar com ele tavam fazendo a mesma coisa com a outra menina, então assim, eu me senti humilhada. Pra mim foi uma humilhação muito grande, foi uma humilhação. Tipo assim, as pessoas pensando, mais uma idiota. Isso é uma exposição muito grande. O pior é a exposição pública, a imagem (Maria, 39a).

Mesmo a gente não tendo mais nada, tinha ainda as agressões verbais (Juliana, 26a).

Com relação ao contexto social das entrevistadas, elas também descreveram mudanças após o fim do relacionamento. Voltar a conversar com pessoas com quem não conversavam mais, como seguir pessoas novamente no instagram; e buscar a ajuda de amigos e fazer coisas que não faziam antes são alguns exemplos.

Depois que eu terminei, fui atrás de todo mundo. Todo mundo. Gente, eu fui conversar, o que aconteceu... aconteceu isso comigo, eu passei o tempo todo por isso. E as pessoas me contaram também o que elas acharam, do que elas achavam e não podiam falar nada. E aí foi isso. E aí hoje a gente tem uma ótima relação. Mas foi depois [...] procurei no instagram, mandei direct mesmo (Bianca, 26a).

Porque depois que eu terminei, como eu queria terminar, eu já tinha sofrido muito, eu não passei por aquele período de luto. De ficar chorando, de ficar pensando: será que eu tinha que ter terminado... isso nunca tinha passado pela minha cabeça. E tudo o que eu queria era sair, solteira. Farrear mesmo, beijar na boca,

dançar, sabe? Eu precisava fazer tudo o que ele não me deixava fazer, só com ele (Sara, 28a).

### *3 A Violência no Relacionamento*

Neste tema, as participantes abordaram características, tipologias e percepções da violência vivenciada. Os relatos compreenderam os conceitos individuais de violência e as consequências e possibilidades derivadas de tal contexto dentro do relacionamento romântico com um parceiro íntimo.

#### **3.1 Tipos de violência**

Quanto à violência que ocorreu durante o relacionamento, as participantes relataram a presença de violência física, violência psicológica e violência sexual. A violência física foi um dos tipos de violência mais descritos pelas entrevistadas, envolvendo tapas, beliscões, empurrões, arranhões e marcas na pele.

No final de 2012, eu tava na casa dele, sentada, na cama dele, tava no computador, e a gente tava sentado assim, olhando o Facebook. E aí ele viu um menino que eu tinha ficado há nos atrás, que curtiu uma foto minha. Ele foi e me deu uma tapa na cara por conta disso [...]. Ele foi vendo que essa curtida tava na minha foto e ele falou: “quem tá curtindo aqui?”. Eu falei: “sei lá, não tive relacionamento com esse menino, nada”. E aí ele foi e me deu um tapa na cara (Juliana, 26a).

Teve a de me empurrar na parede e ficar com o roxo 15 dias. Aí eu não reagi (Maria, 39a).

Tem do dia que ele... ele tinha o costume de me beliscar. Do nada. Ele falava que era porque me achava fofinha. Aí eu falava que isso me machucava, porque isso me deixava cheio de marca de roxo. E aí de tanto que ele me beliscou, eu não podia mais usar camisa sem manga ou com manga curta. Ou eu não podia mais usar short. Porque a minha perna era toda marcada de roxo de tanto levar beliscão (Aurora, 22a).

Através das perguntas que foram realizadas por meio do roteiro de entrevista, mesmo com a grande incidência da violência física, as entrevistadas mostraram ter consciência de que o conceito de violência em um relacionamento vai muito além desta,

podendo compreender expressões emocionais e psicológicas. Nesse sentido, as narrativas abarcaram ações de ameaças, perseguições, embebedamento e traições, por exemplo.

Foi no meu celular, mensagem, né. E tava escrito que ele queria me ver nem que fosse pela última vez. Pô, eu não acredito que ele vá se matar e eu não tô a fim de morrer. Que história é essa? (Maria, 39a).

Aí eu fiquei uns dois, três dias sem falar com ele, depois eu terminei. Aí ele ficou louco, não aceitava o término do namoro. Ele arranhou meu carro, ele mandava mensagem me ameaçando, pra eu tomar cuidado com meu carro na rua, ele passava cinco, seis vezes por dia na frente do lugar que eu trabalhava [...]. Esse menino não me esquecia, me perturbava. Onde eu ia, ele aparecia (Mirela, 30a).

Uma das coisas que ele falou que ele tinha que fazer, era me trair. Ficar com outra pessoa. Isso ele fez. Ele realmente beijou uma outra menina, e tudo mais, e eu fiquei sabendo. Era um dos direitos que ele tinha (Sara, 28a).

Assim, com relação a tais experiências emocionais e psicológicas, os relatos comumente abordaram medo, angústias e dúvidas quanto as próprias ações, derivadas de agressividade verbal, ofensas, humilhações e coerções que eram exercidas pelo companheiro.

O primeiro comportamento violento foi quando eu fui conhecer a casa dele, a gente fez uma festinha com os amigos e eu acho que ele recebeu uma mensagem da ex-namorada e eu acho que ele usou drogas naquele dia. E aí ele ficou bêbado, perdeu um pouco da noção. E aí eu fui ajudar ele a tomar banho e aí foi a primeira explosão, me ofender e tal. E eu não tava sabendo do que tinha acontecido [...]. Eu acabei aceitando porque não tava no meu território, eu não parava de chorar (Paula, 27a).

Graças a Deus nunca chegou ao nível de agressão física, dele me bater, nada disso. Era sempre uma agressão verbal, psicológica. Sempre me rebaixando. Tipo: “Você, ah, você é horrível, seu cabelo é horrível, você é muito baixinha...” (Eduarda, 30a).

Além disso, a violência sexual se fez presente em alguns dos relatos. A coerção para o envio de nudes contra a vontade da entrevistada, juntamente de tentativas e/ou

realizações de estupro foram descritas. Nesse ponto, é importante destacar que algumas participantes somente perceberam que foram vítimas de violência sexual após o fim do relacionamento, julgando que os acontecimentos fossem naturais até então. Pelo que foi percebido acerca de seus relatos, a dúvida se perdurou por conta da incerteza do consentimento, dado o contexto em que viviam com o parceiro.

A violência sexual, que era uma das violências que ele fazia comigo, de coação para ter o ato sexual, não é uma violência sexual que ele pega a força e estupra. É um estupro por coação, é obrigar a outra pessoa a fazer sexo, se não ele iria me torturar psicologicamente, o sexo que ele queria. Isso tudo é violência [...]. Às vezes quando ele tava distante, ele também pedia foto. Ele me obrigava. Mandava um pra ele, quero mais, quero assim, quero assado, eu que era responsável (Sara, 28a).

A segunda vez, nem terminou direito, eu sentei na cama e comecei a chorar desesperada. Eu me sentia suja. De fato, foi um estupro, sabe? Eu não queria e acabou acontecendo. Porque eu achava assim, eu era namorada, tinha que acontecer. Até pra ter certeza que eu não queria mais. Quando ele veio me tocar, eu senti tanto nojo dele, que eu pedi pra ele se afastar de mim e falei: “não toca em mim, não dá, não quero”. Aí eu dormi. Aí eu acordei de madrugada com ele tentando, forçando (Mirela, 30a).

### **3.2 A dinâmica da violência no relacionamento**

Os atos julgados violentos pelas participantes, perpetrados pelo parceiro íntimo, contribuíram para o contexto do relacionamento. Uma delas é ação e reação. Segundo as entrevistadas, era muito comum que elas não reagissem aos atos violentos experienciados, por medo das consequências que possivelmente seriam acarretadas desta reação.

Isso me fez eu ficar com muito medo dele. E eu falei isso depois, que eu tinha muito medo dele me bater. Porque quando ele saía batendo a porta e tal, eu nunca ia atrás. Eu tinha medo da discussão continuar e dele me bater [...]. Então, até por isso quando ele saía puto, eu deixava ele ir. Porque ele era muito maior e muito mais forte que eu. Então eu não ia ter a menor chance (Isabela, 22a).

Ai eu não reagi. E se eu tivesse reagido? O que ele poderia ter feito comigo? Se eu tivesse reagido ali naquela hora? (Maria,

39a).

Contribuindo também para falta de reação da parte delas, esteve presente nos relatos o cerceamento e isolamento social. De acordo com a compreensão das entrevistadas, o parceiro íntimo distorcia e dificultava a percepção da realidade, deixando-as em uma “bolha” por conta de manipulações, também existindo a prática do *gaslighting*. Com isso, por muitas, era preferido evitar o contato com outras pessoas (sendo esta escolha contra sua vontade); além de tais “manipulações” dificultarem a leitura do relacionamento como violento.

Eu falava: “gente, mas gente, será que eu sou isso mesmo que ele tá falando? O que tá acontecendo? Meu Deus do céu, como assim? Por que ele tá falando isso, isso não aconteceu! Gente! (Bianca, 26a).

Porém, para o meu lado pessoal, do meu crescimento pessoal, ele sempre tentou me rebaixar. Ele me olhava com olhos que geralmente a sociedade me via. Eu era uma moça bonita, modéstia parte, nova, com um corpo bonitinho... Ele era gordinho, fofinho (risos), mais velho... Então assim, se ele não fizesse isso comigo, eu ia ter noção das coisas. Então ele fazia de tudo. O meu dia a dia com ele era ruim, isso é a verdade [...]. Ele queria me deixar numa bolha, pra eu não ver o que tinha no resto do mundo. Então eu acabei me afastando (Eduarda, 30a).

Nesse sentido, além da culpa produzida por conta desse contexto, humilhação e insegurança emocional são outros exemplos que afetaram a reação das participantes frente aos atos violentos, dificultando assim o enfrentamento das situações.

Quando eu saí do Ensino Médio, eu fui trabalhar no McDonald’s. E daí um dia ele apareceu lá, eu tava com aquela roupinha né, de funcionária. E aí ele falou: “nossa, você tá parecendo uma palhaça, ridículo você estar aqui”. E nossa, isso mexeu comigo porque ele falava isso na frente de todo mundo [...]. Eu não reagia basicamente. Eu ficava triste. Eu ficava triste do tipo, nossa, como eu posso melhorar pra agradar ele? Entende? (Eduarda, 30a).

Além disso, um relato muito comum entre as entrevistadas foi com relação ao desenvolvimento da violência como um ciclo. Este ciclo foi descrito como a manutenção

da ocorrência da violência, por conta das ações de ambos. Além disso, ao terminar o relacionamento, viu-se que o então parceiro realizou ações violentas de maneira similar com outra pessoa, continuando o chamado “ciclo”.

E aí brigava e se arrependia. Falava que eu tava doida. Aí chorava e falava: “nossa, me perdoa, não sei o que acontece comigo que eu não consigo deixar de ficar com outras pessoas”. Só que ele fez a mesma coisa com pessoas que namoraram ele antes [...]. Eu era a namorada dele agora e ele repetia comigo. Chegou um momento que a gente não tinha um rótulo, mas ele falava pras pessoas que eu era louca, era a mesma situação. Era um ciclo (Amanda, 27a).

Mas aí quando ele começou a namorar essa outra moça, a mesma palhaçada que ele fazia comigo no Facebook, ele começou a fazer com ela (Maria, 39a).

### **3.3 A Percepção da Violência no Relacionamento**

O conceito de violência para as mulheres entrevistadas referiu-se de maneira geral em esclarecer que violência em um relacionamento com um parceiro íntimo vai muito além de puramente ser através de agressões físicas que são visíveis. Todas as participantes relataram que hoje encaram a violência como um conjunto de ações que causam prejuízos no outro parceiro, muitas vezes não sendo vista por outra pessoa fora do círculo do casal.

Quando a gente pensa em violência, a primeira coisa que me vem a cabeça é a violência física. Tanto que é muito difícil da gente parar e pensar que uma manipulação pode ser violência. Se eu fosse te dar um conceito, violência é tudo aquilo que a pessoa se sente agredida. Então essa forma de agressão é física, essa forma de agressão é mental, essa forma de agressão é de invasão de espaço. Então tudo que invade o espaço, eu imagino que seja que seja violência (Amanda, 27a).

Tudo que faz mal. Eu acho que violência não é só agressão. Porque tem a violência física e a violência psicológica. A pior pra mim é a violência verbal. Porque destrói a pessoa por dentro. E a que mais me maltratava (Juliana, 26a).

Eu acho que qualquer... assim, tem a violência física, que eu passei e não tava percebendo, que era o sem querer. E também essa violência psicológica também. Todas as vezes que tinha um evento importante para mim acontecia alguma coisa. Às vezes não tinha nada justificado pelo fato, aí eu ia ficar nervosa e ele fez

por causa do fato... era uma coisa sem sentido. Eu acho que tudo isso era violência (Bruna, 26a).

Desse modo, muitas participantes relataram dificuldade em perceber a violência no momento das agressões. Segundo elas, isso interferiu na possibilidade de reação frente a tais acontecimentos, como mencionado previamente. As descrições mencionam demora em perceber a(s) violência(s), às vezes só acontecendo após o término do relacionamento. Além disso, houve relatos de que nunca imaginaram que poderiam passar por uma situação de violência em um relacionamento.

Logo depois que a gente terminou, eu ainda não tinha me tocado que era um relacionamento abusivo. Então assim, depois que começou essa onda de explicarem o que é relacionamento abusivo, que não é só bater, que não sei o quê. Que eu realmente me toquei que não era realmente só isso. Foi muito tempo depois. Ai que eu me toquei que era aquilo (Alice, 26a).

Nunca imaginei que eu fosse passar por isso. Nunca, nunca, nunca nem esperava. Nunca tinha visto... Não me ligava a notícias de mulheres que tinham passado por isso. Pra mim era irrelevante porque eu nunca achava que ia passar. Eu passei e todos esses assuntos começaram a vir à tona, sabe? De todas as pessoas (Juliana, 26a).

Por outro lado, houve facilitadores que colaboraram para a percepção das situações violentas pelas mulheres. Citou-se a importância da formação acadêmica; comparação social, pois o parceiro não se relacionava da mesma forma com outras pessoas; além do impacto emocional percebido, como uma consequência prejudicial derivada de tais situações e que sinalizavam algo não-adequado no relacionamento.

Mas quando a psicóloga responsável pelo público de mulheres faltava, ou fazia grupo, ou tinha que dar alguma palestra, às vezes ela pedia a minha ajuda [...]. Aí eu comecei a enxergar que realmente me tratar daquela forma não tava sendo legal, que era uma violência psicológica, e era uma forma de violência também, pois tava sendo uma forma de humilhação (Mirela, 30a).

Anos depois que eu acabei, depois que eu terminei com ele, eu acabei entrando no Ministério Público em São Paulo, e aí eu

atendi, comecei a atender pessoas que são vítimas da violência, mas assim, eu atendi um pouco de tudo no dia a dia, mas também atendia outras questões, e tal, e daí eu comecei a tomar mais conhecimento disso e tudo mais (Eduarda, 30a).

#### 4 *Internet, relacionamento e violência*

A internet faz parte do cotidiano das entrevistadas. No histórico de violência por parceiro íntimo, a internet foi mencionada como um veículo para as agressões, mas também como uma fonte de recursos de enfrentamento, seja do ponto de vista de acessos à informação ou de comunicação com outras pessoas.

##### **4.1 O uso da internet e das redes sociais**

Os tipos de uso relatados pelas entrevistadas se mostraram diversificados. A utilização se dá por conta do trabalho, para entretenimento, acessar conteúdos, se informar e realizar contato com outras pessoas. As principais redes sociais e aplicativos citados foram o *Instagram*, *Whatsapp*, *Facebook*, *Youtube*, *Spotify* (para músicas e podcasts), *Twitter* e *Snapchat*. Considerando redes sociais e ferramentas que não são mais utilizadas atualmente, foram mencionados o *Orkut* e *MSN*.

De maneira geral, o *Instagram* foi a rede social e aplicativo mais utilizado e citado pelas participantes, principalmente como distração, fonte de entretenimento e de informações. O *Whatsapp* mesmo que tenha poucos aspectos similares a uma rede social, foi mencionado como principal mensageiro utilizado. Um detalhe relevante indicado pelas entrevistadas é quanto a redução da utilização do *Facebook*, sendo que algumas apontaram terem excluído seus perfis. Uma justificativa para isso foi a redução da popularidade da referida rede e a facilidade que o *Instagram* proporciona para o entretenimento e acesso à informação.

## 4.2 Internet e Violência

A violência ocorreu pela internet de diferentes formas. Segundo as participantes, os atos violentos aconteceram tanto no ambiente *offline* quanto no *online*. Porém, as ações perpetradas de maneira virtual apresentaram características específicas. Um dos aspectos mais citados é a utilização da internet pelo parceiro como ferramenta de controle. Segundo os relatos, o companheiro utilizava as atividades realizadas online pelas mulheres para vigiar seu cotidiano (nesse caso, suas atividades *online*, mas também aquelas que são realizadas no dia a dia e comentadas através das redes sociais), além de procurar saber sua localização. Pegar seu celular sem permissão também foi citado como exemplo de invasão de privacidade.

E aí ele que me fuçava, pegava meu celular para ver o que tava acontecendo. Pegava e fazia um teatro, chorava, falava de muitas coisas. E aí virava essa bagunça... (Amanda, 27a).

[...] é uma forma de controle que ele tem sobre mim. E como eu optei por não ter... eu não afasto ele totalmente. Assim, afasto, mas não quero uma briga [...]. Depois que a gente terminou, teve um dia que ele me mandou mensagem. Foi algo: “Ah tá, agora você vai fazer o curso (que eu comecei depois que terminei com ele) que você faz as terças das seis às sete”. Tipo, ele sabia de um curso que eu comecei a fazer depois dele, e sabia de todos os horários que eu fazia e eu fiquei com medo depois da mensagem (Bruna, 26a).

Outro ponto ressaltado foi com relação a postagens feitas pelo parceiro sem o consentimento da entrevistada e se referindo a ela, como uma forma de demarcar publicamente seu relacionamento; ou obrigando-a a realizar postagens sobre o relacionamento dos dois. Um exemplo citado diz respeito a possibilidade do *Facebook* de mostrar a frase “em um relacionamento sério” em seu perfil, sinalizando para os amigos da rede que a partir daquele momento, a pessoa encontra-se em um relacionamento amoroso. A participante não queria fixar tal informação no seu perfil, visível a todos, mas

por coerção do parceiro, acatou o pedido.

Ele me obrigou a colocar “relacionamento sério”. Eu não queria. Eu nunca gostei. No meu ex-namorado eu também não coloquei, hoje eu namoro e também não coloco. Eu não gosto de ficar dando detalhes. Ele colocou sem eu querer. “Ah, você não quer no seu, mas eu quero colocar no meu, eu vou colocar”. Aí eu: “tá bom... vou colocar”. Porque eu sabia que se não colocasse geraria um problema. Eu cedi aí mais uma vez (Bianca, 26a).

Ele falava: “pra te perdoar, eu quero que você faça uma postagem pra mim no Facebook”. Meu Facebook antigamente era recheado de postagens hyper, mega românticas para ele, porque ele queria sempre alguma coisa nova. Não podia ser só um “eu te amo” no Facebook. Tinha que ser com fotos e coisas hyper mega românticas. Então era recheado disso [...] Ele me obrigou a fazer isso, e quando eu olhava eu lembrava e chorava (Sara, 28a).

Ainda com relação às interferências realizadas pelo parceiro na utilização da internet por parte da companheira, foi mencionado o cerceamento dos relacionamentos interpessoais de maneira online. Como citado previamente, tal restrição acontecia no dia a dia do casal, porém as entrevistadas destacaram que isso também era muito comum nas redes sociais. Bloquear, silenciar e/ou deixar de seguir alguém que o parceiro considerasse que não fosse adequado são exemplos dos pedidos que ele fazia durante o relacionamento.

Ele fuçava, né. Os meus amigos lá, a minha rede... e daí ele botava defeito em todos os homens que ele via. Ele pegava e falava: “ah, quem é esse?”. Aí eu respondia: “ah, é tal pessoa”. “Ah, você é ridícula, não sei o quê... exclui! Faz isso e faz aquilo”. Eu nem lembro qual era o termo na época, mas eu lembro que ele ficava fuçando toda hora e mandando eu tirar certos homens, assim, que ele não conhecia, ou que sei lá, de repente ele não gostava, cismava com alguns e pedia pra retirar da rede (Eduarda, 30a).

Eu não podia conversar com as pessoas que ele achava ruim. Ele achava que era problema. Se eu conversasse com qualquer homem era problema, se eu seguisse qualquer pessoa nas redes sociais, ele achava que eu tava dando mole pra pessoa (Bianca, 26a).

Ainda segundo relatos, a violência que ocorria online, gerou repercussões e prejuízos sociais. Uma preocupação, segundo as entrevistadas, é quanto à possibilidade

dos atos violentos serem vistos publicamente de maneira *online*.

O problema é o público. Porque todo mundo vê, porque tá ali. Tá ali, no Facebook do cara. O circo que ele tá armando com uma, agora tá fazendo com outra. E é muito fácil, né. Do cara arrumar uma próxima vítima, porque ele limpa o Facebook dele. E exclui tudo que ele tinha de você. E começa de novo (Maria, 39a).

Eu lembro muito bem dele fazendo com a menina. A que ele namorava quando a gente começou a ficar. Eu lembro de algumas postagens dele, que ele falava assim com ela, de indireta: “já acabou fulana, supera”. Eu lembro com ela, e pra mim, assim, isso é exposição. Pegar isso e essas coisas, é invasivo. Pode ser comigo também (Amanda, 27a).

### 4.3 Internet e enfrentamento da violência

Por outro lado, a internet também contribuiu para o enfrentamento da violência por parte das participantes, sendo considerada por algumas entrevistadas como essencial para a percepção e conhecimento da violência experienciada, além da manutenção de um relacionamento amoroso. Segundo elas, as redes sociais possibilitam uma troca de experiências, facilitam o contato com sua rede de suporte, bem como propiciam um local de desabafo frente às situações vivenciadas.

Desde o Nordeste até o Sul, de pessoas que passaram por isso [...]. A gente troca experiências. Eu ajudei... eu falo, ajudei psicologicamente, contando minha história. Com palavras e tal, dando informações. Então eu vejo o lado bom (Juliana, 26a).

[...] Eu às vezes postava coisas sobre relacionamento abusivo, que era o que estava passando, mas eu postava não como se fosse pra mim. Eu postava como se fosse alerta para outras mulheres. Porque ninguém sabia que era relacionamento abusivo. Então eu postava como se fosse alerta para outras mulheres e também para que ele não percebesse que eu estava postando sobre mim. Porque se ele percebesse, ele ia brigar comigo. E hoje vejo postagens minhas que era nítido o pedido de socorro assim (Sara, 28a).

É possível destacar que, ao utilizar as redes sociais e a internet, também foi

possibilitado o registro de provas da ocorrência da violência, apesar das tentativas relatadas de não se deixarem rastros. As participantes disseram que mantiveram arquivadas até hoje as conversas entre o casal, por meio de *backup* em nuvem, para assim terem algum tipo de garantia caso algo aconteça. Em um caso específico, tais conversas foram usadas com prova para um pedido de medida protetiva em uma ação jurídica.

Eu não deletei as conversas que eu tive com ele até hoje. Tá tudo aqui. Eu tenho uma raiva muito grande. Eu tenho backup porque eu não perdi meu Whatsapp. Então eu tenho a conversa, ela tá ali até hoje. Não sei, seja pra conversando com alguém, se alguém quiser ler as coisas que aconteciam, ele tentava me manipular, tá tudo ali (Bianca, 26a).

Era Facebook e mensagem de texto. Tanto que as provas... eu botei na Maria da Penha, tanto que até ontem não chamou. Mas eu entrei como ameaça e violência doméstica [...]. Na mensagem tava escrito que ele queria me ver, nem que fosse pela última vez (Maria, 39a).

Um ponto destacado como benéfico acerca da internet e das redes sociais pelas entrevistadas se refere à facilidade do acesso à informação proporcionado pela sua utilização. Os relatos descrevem que a chegada de informações sobre violência contra a mulher é constante nesses meios, dando modelo e informação sobre quais atos são permitidos ou não em um relacionamento. Assim, a conscientização e reflexão são facilitadas. Algumas relataram que atualmente é perceptível um movimento de “onda”, que mobiliza muitas mulheres a falarem desses assuntos, proporcionados pela troca de experiências que acontece online por meio da internet.

Na minha opinião eu acho que ajuda. Porque hoje em dia é muito fácil de você ter acesso à informação. Então assim, pra você descobrir o que é relacionamento abusivo, você tem que pegar no celular, digitar no instagram que já vai aparecer trocentas coisas. E assim, há pouco tempo atrás, no facebook, não tinha muito isso. No instagram é muito mais fácil de você... até no google mesmo, de você ter acesso. Acho que de uns tempos pra cá, sobre relacionamento abusivo, muita gente fala mais disso abertamente, muita blogueira fala, muita gente fala, então é muito mais fácil de conseguir se proteger disso (Alice, 26a).

[...] na época que eu tava vivendo isso, na internet eu via coisas. Mas quando me deu um insight do que tava acontecendo e aí começa a ver em todo lugar? Então assim, eu comecei a perceber em todo lugar, sobre como um relacionamento deve ser [...]. Então assim, mulher não tem que virar mãe de ninguém, não tem que cuidar de ninguém. Não tem que mostrar o certo e o errado. Então a internet, as redes sociais, elas me ajudaram a fortalecer isso muito (Amanda, 27a).

## *5. Redes de Amizades*

Em relação aos amigos, os relatos foram organizados em quatro temas. De maneira geral, as entrevistadas relataram que a rede de amizades teve influência no seu relacionamento e vice-versa, com consequências positivas e negativas.

### **5.1 Alterações na rede de amigos por conta do relacionamento**

Um relacionamento pode afetar outros relacionamentos. Nos casos investigados, há vários relatos de alterações na rede de amigos atribuídos ao relacionamento em questão, geralmente com afastamento ou término no relacionamento com amigos. Foram descritos cortes nas amizades por desejo dela, por desejo dele e por desejo dos próprios amigos.

O afastamento parece ter uma imposição do parceiro como origem, mas também por parte da mulher por conta de sentimentos ligados ao medo da punição dos amigos, por exemplo. Além disso, após tentativas dos amigos de tentar ajudar, alertando sobre características do relacionamento que não seriam adequadas e estes avisos não serem considerados por parte da entrevistada, os amigos preferiam se afastar para não interferir nas vontades da participante e no relacionamento que era mantido.

Então, ele me afastou de muita gente. Assim, principalmente homem. Das minhas amigas não me afastou de nenhuma não. Nem da minha família. Mas de amigos homens sim, por ciúmes.

Não podia conversar com ninguém (Sara, 28a).

Depois que eu terminei, isso foi uma das coisas que eu me toquei que eu errei. Eu me afastei muito dos meus amigos. Que eu não devia ter feito isso. Pra ele começar a aceitar meus amigos, demorou um tempo. Porque ele só saía com os amigos dele. E aí as minhas amigas meio que começaram a reclamar comigo. Que eu tava muito distante (Alice, 26a).

Eu tinha minhas amigas, eu tinha três amigas que moraram comigo. Depois que eu mudei a gente se afastou e aí fui morar com mais três amigas. E a gente era muito amiga. Uma odiava muito ele, então ela parou de falar comigo. Hoje a gente é muito amiga, mas ela falou: “eu não conseguia conversar com você, ele era insuportável e eu queria cortar o contato” (Bianca, 26a).

## 5.2 A comunicação com os amigos

A comunicação com os amigos aparece de forma parcial, uma vez que algumas participantes relataram que os amigos não sabiam dos conflitos no relacionamento ou que apenas os amigos próximos sabiam. Isso se dava tanto por escolha da entrevistada ou por conta do contexto, na qual era escondida a violência vivenciada da rede de amizade. Nesse sentido, um dos relatos destacou que uma amiga só soube porque também já tinha vivenciado violência em um relacionamento, o que foi uma abertura para a comunicação.

A Joice, eu conheci ela recentemente e eu me espantei quando ela falou desse episódio de violência abertamente na mesa do almoço. Que? Aí eu acabei me abrindo com ela também sobre o que passou. Então, o que ela vê com naturalidade, pra mim ainda é muito difícil de lidar. Porque nem meu pai me batia (Paula, 27a).

Outro ponto relevante é quanto a retomada dessa comunicação com os amigos, após o término. Segundo as participantes, isso significou uma mudança, principalmente por conta do cerceamento das amizades que o parceiro exigia.

Sim, sim, hoje em dia eu continuo com as amizades que eu tinha, com as pessoas que eu cortei. Eu tive que parar de seguir um monte de gente no instagram. Eu voltei a seguir todo mundo. Foi meu grande ato de rebeldia, tipo isso. Eu vou seguir todo mundo de volta, só de raiva. Tô nem aí, e quero mais é que veja mesmo.

E veja que eu só só parei de seguir por causa dele, não era a minha vontade, não que tivesse alguma coisa. Mas são meus amigos, que passaram na minha vida e eu não vou deixar de ter contato por causa dele. E aí eu voltei a seguir todo mundo de volta. Se era um homem, porque não podia seguir homem (Bianca, 26a).

### **5.3 A presença e o apoio social de amigos**

Apesar de uma certa ambiguidade no papel dos amigos, vários relatos apontam sua presença e apoio social durante ou após o relacionamento em questão. Muitas descrições afirmaram que os amigos foram importantes para o enfrentamento da violência, dando suporte (principalmente de maneira online). Também houve relatos que se referiram a suporte profissional (psicológico) e religioso.

Olha, eu acho que eles foram bem de não desistir, sabe? Eles podiam parar tudo, pegar e parar de falar comigo. Tipo: “ah, quer saber? É um caso perdido. Eles ficaram comigo até o fim, mesmo eu percebendo pelo tom de voz que eles não gostavam, que eles não queriam aquilo pra mim, mas eles tavam lá (Amanda, 27a).

Meus amigos me ajudaram, me chamando pra sair. Pra ir para outros lugares, pra não ficar sozinha, sabe? (Aurora, 22a).

Eles me ajudaram muito, principalmente depois do término. E assim, converso muito pela internet, não tenho acesso pessoalmente [...]. Tudo que eu posto no instagram, no facebook, elas curtem e comentam. Me mandam mensagem pelo Whatsapp, natal... (Mirela, 30a)

### **5.4 A participação de amigos na violência**

Por outro lado, também houve relatos acerca da participação de amigos do parceiro em atos de violência contra as entrevistadas. A realização de deboche dos amigos com o parceiro e a tentativa de mostrar superioridade sobre a mulher em frente a tais amigos são alguns exemplos.

Aí eu cheguei um dia, era seis horas e ele não estava me esperando, como combinado. Quando deu nove horas da noite,

eu cansei de esperar e fui lá onde ele tava. Aí os homens, amigos dele que estavam lá começaram a debochar: “a dona Maria tá aí, olha lá, não sei o que...”. Aí ele começou a ficar com muita raiva do deboche dos caras, começou a gritar comigo na frente dos caras. Aí eu peguei e fui embora (Mirela, 30a).

## 6 Síntese dos resultados

Através do que foi apresentado na descrição dos resultados, a Tabela 2 visa sintetizar os temas e subtemas apontados por meio do procedimento de análise temática.

Tabela 2

### *Síntese dos Temas e Subtemas*

<b>Temas</b>		<b>Subtemas</b>
Histórico do relacionamento	1. O início do relacionamento	1a. A percepção do companheiro 1b. A influência do contexto 1c. A dinâmica inicial do relacionamento
	2. O desenvolvimento do relacionamento	2a. A percepção do companheiro e do relacionamento 2b. A influência do contexto (externo) 2c. A dinâmica do relacionamento
	3. O fim do relacionamento	3a. A percepção do companheiro e do relacionamento após o término 3b. As mudanças percebidas com o fim do relacionamento 3c. As dificuldades no pós-relacionamento
A violência no relacionamento	1. Tipos de violência	1a. Violência física 1b. Isolamento social 1c. Violência psicológica 1d. Violência sexual
	2. A dinâmica da violência no relacionamento	2a. Ação e reação 2b. O contexto social 2c. Culpabilização da vítima 2d. Compromissos 2e. Violência como um ciclo
	3. A percepção da violência no relacionamento	3a. Dificuldade para perceber 3b. Fatores facilitadores 3c. Consequências percebidas

(Continuação)

Tabela 2

*Síntese dos Temas e Subtemas*

Internet, relacionamento e violência	1. O uso da internet (redes sociais)	
	2. Internet e violência	2a. Internet como ferramenta de controle 2b. O cerceamento no uso da internet 2c. A internet como veículo da violência
	3. Internet e enfrentamento da violência	3a. Evidências da violência 3b. Acesso à informação
Redes de amizades	1. Alteração na rede de amigos	
	2. A comunicação com os amigos	
	3. A presença e apoio dos amigos	
	4. A participação de amigos na violência	

## DISCUSSÃO

Doze entrevistas foram realizadas com mulheres que relataram terem experienciado ações violentas por parte do parceiro íntimo em um relacionamento amoroso e usarem pelo menos uma rede social *online*. A partir das entrevistas, foi possível se aproximar do fenômeno da violência contra a mulher em um relacionamento entre parceiros íntimos, juntamente dos papéis da utilização da internet e do contato com as redes de amizades durante o relacionamento em questão.

Aqui é possível ressaltar que nenhuma das participantes estavam no relacionamento violento no momento da entrevista. Os relacionamentos relatados ocorreram tendo passado já no mínimo dois anos do término, contando a data da coleta. Das doze participantes, nove fizeram o contato por para participar da pesquisa por interesse próprio, com o intuito de colaborar na produção de conhecimento científico sobre o assunto com suas experiências.

Através da análise temática, foi possível categorizar a investigação em quatro temas, com base nos objetivos do presente estudo: a história do relacionamento, características da violência experienciada, a função da internet na ocorrência da violência e o papel das amizades nesse contexto.

### *1. Sobre a história do relacionamento*

Considerando o início do relacionamento, as entrevistadas descreveram que o parceiro no começo do relacionamento era uma pessoa agradável, “legal” e que acreditavam que nunca fosse capaz de realizar algum tipo de ato violento. Souza e Sabini (2015) ao investigarem concepções de amor em vítimas de violência doméstica destacam

que demonstrações de afeto, cuidado, parceria e companheirismo são alguns exemplos de sinais de amor em um relacionamento. Assim, é possível identificar que os atos violentos aconteceram de maneira gradual. Tal detalhe é importante, pois contribuiu para o investimento no relacionamento da parte delas a partir do primeiro contato, principalmente após perceberem tais sinais (considerado adequados) nos futuros parceiros, até então.

As narrativas apontam para um início rápido, com planos adiantados sobre o futuro, na qual a mulher teve que fazer concessões ao parceiro por conta de suas insistências e cobranças. Além disso, no decorrer do relacionamento, perceberam-se mentiras que foram ditas pelo parceiro ainda no início do relacionamento. Contemplando a narrativa da história do relacionamento, foi possível identificar que as entrevistadas perceberam que após o fim, ao visualizarem todo o contexto, existiam dicas sobre os comportamentos inadequados do parceiro desde o princípio.

Assim, o contexto que propiciou o início do relacionamento também foi digno de nota, segundo as participantes. Os relatos indicaram que o ambiente em que estavam foi crucial para o começo do relacionamento. A proximidade física com o futuro parceiro, que facilitava o contato diário com este e a influência do convívio de ambos com amigos e conhecidos que mostravam aceitação ao relacionamento, são alguns exemplos que também contribuíram para o investimento da mulher no relacionamento. Juntamente a isso, no início, algumas participantes relataram terem percebido posturas ditas machistas da parte do companheiro, porém tal acontecimento não foi levado a sério por conta de outros fatores, como estar em um contexto na qual o parceiro era uma das poucas pessoas na qual a mulher mantinha o contato.

Spivak, Jenkins, VanAudenhove, Lee, Kelly e Iskander (2014) apontam que a violência por parceiro íntimo (IPV) pode ser produto de uma série de fatores, como

aspectos individuais, do relacionamento em si, da comunidade em que o casal está inserido, além também da influência da sociedade em questão. Considerando então a IPV como um fenômeno multifatorial, um desses fatores pode ser o contexto social, mencionado pelas participantes. Desde a facilidade de contato e exposição ao parceiro, como estarem no mesmo ambiente continuamente; até a participação de pessoas próximas na aceitação do relacionamento podem ser facilitadores de um possível relacionamento violento.

Dessa forma, é importante considerar o início do relacionamento como uma etapa importante para a compreensão da violência por parceiro íntimo. Através dos relatos, é possível perceber que atos violentos que ocorreram no início do relacionamento dificilmente foram notados pelas participantes. Quando ocorreram, a relevância dessas ações foi minimizada por conta de outros fatores do contexto, além da necessidade do momento de se manter no relacionamento com a pessoa. Spivak, Jenkins, VanAudenhoove, Lee, Kelly e Iskander (2014) demarcam como intervenções focadas em IPV devem buscar prevenir comportamentos violentos antes de começarem. Nesse caso, é possível identificar que facilitar o reconhecimento de tais comportamento como inadequados em um relacionamento, ainda em seu início, pode ser um caminho para diminuir a influência do contexto em dificultar a percepção da violência no relacionamento.

Quanto ao percurso do relacionamento, seu desenvolvimento foi marcado por fragilidade e instabilidade emocional, com relação a saúde mental das entrevistadas. A percepção destas sobre o relacionamento, de maneira geral, não era boa, mostrando dificuldades para se recordarem de momento felizes que viveram juntos, designando o ambiente em que viviam como conflituoso. Aqui destaca-se a memória do relacionamento. Considerando a utilização da entrevista episódica como técnica de coleta

de dados, as participantes dificilmente relataram algum tipo de momento percebido como benéfico vivido com o parceiro.

Considerando os relacionamentos interpessoais mantidos pelo casal no decorrer do relacionamento, um aspecto relevante percebido é com relação às ações do parceiro, violentas ou não, serem muito parecidas com as que são perpetuadas pela sua família, em especial, quanto ao pai do companheiro. Outra questão destacada nas entrevistas diz respeito a falas do parceiro que salientavam vivências também violentas na história de vida dele. Sendo violentos ou não, os relacionamentos românticos são construídos sob influência de premissas que, muitas vezes, não são visíveis. Scott (2018) destaca, por exemplo, que a hierarquização das relações de gênero está perpetuada na sociedade patriarcal; com relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Colossi, Marasca e Falcke (2015) discutem que valores transmitidos por gerações são importantes ao buscar compreender a violência conjugal, pois a família é o primeiro contexto na qual o indivíduo aprende a interagir e tais modelos podem ter ecos em um relacionamento romântico futuro. Dessa forma, ressalta-se como os modelos de relacionamento obtidos a priori possam ter uma contribuição nos novos relacionamentos estabelecidos.

Um elemento bastante comum nos relatos das entrevistadas foi com relação à dependência do parceiro. As circunstâncias do relacionamento comumente se voltavam para um ambiente de muita proximidade e convívio presencial, conseqüentemente seguido de um isolamento social, este na maioria das vezes contra a vontade da mulher.

A dependência é frequentemente citada em estudos relacionado a violência contra a mulher em um relacionamento íntimo como um fator que contribui para que esta se mantenha em um relacionamento violento e que dificilmente se reconheça como vítima (Deeke, Boing, Oliveira & Coelho, 2009; Fabeni, Souza, Lemos & Oliveira, 2015; Siqueira & Rocha, 2019). Outros fatores podem contribuir para esta condição como

idealizações de amor e relacionamentos românticos, dificuldade para enfrentar situações cotidianas sem o parceiro, além também da falta de apoio social (Mizuno, Fraid & Cassab, 2010).

O isolamento social mencionado pelas mulheres é citado na literatura como uma ferramenta que facilita a repressão e enfraquecimento das redes de apoio (Albuquerque Netto, Moura, Queiroz, Leite & Silva, 2017; Cunha & Nascimento, 2015). Dutra, Prates, Nakamura e Villela (2013) destacam que ao entrar em contato somente com pessoas que não sejam uma ameaça para o parceiro, o contexto de dependência se perpetua e os mecanismos da violência no relacionamento podem se tornar mais complexos. Dessa forma, a autonomia da mulher é dificultada no decorrer do relacionamento.

O contexto do relacionamento também foi marcado por constantes pedidos de desculpas e a manutenção de um compromisso assimétrico e/ou unilateral, vindo principalmente da parte da mulher. Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) ao investigarem representações sociais de mulheres vítimas de violência, destacam que a culpa e submissão são manifestações consequentes da violência por parceiro íntimo. No estudo de Aakvaag, Thoresen, Wentzel-Larsen, Dyb, Røysamb e Olf (2016), a culpa foi associada positivamente com maiores níveis de exposição à violência, além também ao fato de que mais tipos de violência experienciados, maior a frequência da presença do sentimento de culpa e vergonha. No caso das entrevistadas, pedir desculpas se configurou como uma maneira de admitir a culpa pelas ações do parceiro e minimizar a responsabilidade dele pelos atos julgados inadequados.

O compromisso assimétrico e/ou unilateral diz respeito aos esforços advindos da parte da mulher no relacionamento, sem percepção de que tal responsabilidade deve ser recíproca. É possível pensar que os esforços para que o relacionamento “dê certo” mencionados pelas participantes estejam atrelados também ao sentimento de culpa pelas

próprias ações na relação. Além disso, é notável a indignação de perceber que tal empenho realizado por ela não era também exercido pelo parceiro. Ao abordarem o investimento afetivo em um relacionamento, Andrade e Silva (2013) destacam que a percepção deste deve ser mútua para que exista bons níveis de qualidade conjugal.

Após o término do relacionamento, foram relatadas esquivas em conversar com outras pessoas de seu círculo sobre o relacionamento violento; a percepção de mudanças positivas e negativas derivadas do fim da relação, individualmente; mas também mudanças no contexto social da mulher. Nas entrevistas, as esquivas em comentar o que aconteceu no relacionamento com o parceiro íntimo potencialmente se configuraram como produto da vergonha e possibilidade de humilhação. Além disso, pôde-se observar que tal evitação teve também influência de valores familiares da mulher vítima.

Com o fim do relacionamento, as participantes perceberam mudanças em suas vidas e em seu contexto. Tais mudanças foram categorizadas como positivas e negativas. Segundo os relatos, estar em um relacionamento violento também propiciou aprendizado, principalmente com relação as diferenças sobre o que é um relacionamento saudável e o que seria violência no relacionamento, além de aproximar as entrevistadas do feminismo. Tais pontos são importantes pois mostram a relevância da educação e do conhecimento frente ao fenômeno. Moreira, Ferreira, Lima e Ckagnazaroff (2012) destacam que a possibilidade de empoderamento feminino vem da autonomia da mulher e da educação acerca de aspectos de gênero. Dessa forma, é possível ressaltar o interesse da maioria das entrevistadas em participarem da pesquisa. Após terem experienciado situações de violência com um parceiro íntimo e identificado tais ações como violentas, pode-se identificar que os papéis da mulher em um relacionamento são mais perceptíveis por elas, tornando-as mais autônomas perante novas relações.

Por outro lado, houve consequências negativas derivadas do término do

relacionamento. Prejuízos pessoais, sociais e profissionais foram mencionados. Além disso, a não aceitação do fim do relacionamento pelo parceiro também foi uma decorrência do fim do relacionamento.

Com o cessar do contato com o ex-parceiro, as entrevistadas descreveram mudanças no contexto social em que viviam. Por iniciativa da própria mulher, retomou-se a comunicação com amigos que não conversava há bastante tempo devido a um cerceamento do então parceiro; além de buscarem realizar atividades que antes não eram permitidas por ele, como sair à noite, dançar, etc. Vieira, Padoin, Oliveira e Paula (2012) ao investigarem a intencionalidade de mulheres que decidem denunciar situações de violência, evidenciam que para as entrevistadas, retomar a vida com liberdade para suas escolhas, que até então haviam sido restringidas pelo seu parceiro é um dos principais elementos que as levaram a fazer uma notificação. Assim, é possível apontar a importância da retomada da autonomia após o fim do relacionamento por meio de ações, que facilitou assim o enfrentamento das entrevistadas.

## *2. Sobre a violência no relacionamento*

De acordo com as narrativas das mulheres entrevistadas, houve ações de violência física, psicológica e sexual. A presença de tais tipos é mencionada na conceituação de violência por parceiro íntimo, na qual pode ocorrer apenas uma vez ou se manter acontecendo de maneira contínua (Spivak, Jenkins, VanAudenhove, Lee, Kelly & Iskander, 2014).

A violência física, segundo os relatos, variou desde comportamentos que deixavam marcas na pele até tapas e empurrões. Algumas mulheres descreveram as marcas roxas deixadas pela violência com notável repulsa, principalmente por serem

vestígios que ficam por dias no corpo, sendo necessário esconder com roupas mais compridas. Dourado e Noronha (2015) ao investigarem marcas no rosto de mulheres vítimas e o valor simbólico da face, apontaram a presença de humilhação e vergonha acerca das evidências deixadas na pele. Além disso, as autoras destacam que a visão das sequelas deixadas por meio da violência pode potencializar lembranças do acontecido e consequências que vão para além de um machucado que apenas sara. Ou seja, a repulsa apresentada pelas entrevistadas ao falarem das marcas demonstra que existem também marcas invisíveis, emocionais, derivadas da violência.

Nesse sentido, um aspecto relevante das entrevistas realizadas se refere à unanimidade quanto ao conceito de violência em um relacionamento. Todas as participantes descreveram que violência não acontece somente de maneira física, mas também de maneira psicológica. Schraiber et al (2007) evidenciam que a violência psicológica pode ser conceituada diferentemente por meio do gênero e da cultura, por exemplo, podendo ocorrer de diversas formas e dificultando assim sua investigação. Na literatura, é possível encontrar descrições em pesquisas que apontam a violência física como mais relatada por meio das coletas de dados e menos perceptível pelas mulheres (Silva & Oliveira, 2016).

No momento da coleta, passando no mínimo de dois anos após o término do relacionamento em questão, foi possível perceber que mesmo que as definições de violência psicológica sejam variadas entre elas, todas mostraram ter consciência da presença deste tipo em seu relacionamento. Além de utilizarem o nome “violência psicológica”, puderam relatar de que maneira aconteceu e as consequências derivadas com detalhes. É importante destacar que durante o relacionamento, houve dificuldade de reconhecer certos atos do parceiro como violentos, porém, na entrevista, já havia um maior entendimento sobre as definições de violência por um parceiro íntimo. É possível

hipotetizar que tal esclarecimento sobre os conceitos de violência pós-término do relacionamento tenha sido um dos fatores que mobilizou o interesse das participantes em colaborar com o presente estudo.

As descrições acerca dos tipos de violência psicológica e suas consequências, como agressividade verbal, ofensas, humilhações, entre outros; derivando angústias, medos, dúvidas e preocupações, por exemplo, são coerentes com outros estudos na área, órgãos internacionais como a Organização Mundial de Saúde e a tipificação apresentada pela lei Maria da Penha (ex.: Acosta, Gomes, Fonseca & Gomes, 2015; Lei nº 11340, 2006; OMS, 2013; Santos & Caridade, 2016).

Além disso, outra prática que foi descrita pelas participantes foi o *gaslighting*. Sweet (2019) descreve que a prática é comum em casos de IPV, gerando uma noção de confusão e distorção da realidade na percepção das vítimas. É mais comum de acontecer contra mulheres, nos mais diversos ambientes e tipos de relacionamento, mas sempre marcado por controle do agressor com relação à vítima (Stern, 2007). No caso de relacionamento românticos, o *gaslighting* comumente acontece de forma que o agressor apresente informações dúbias e/ou questionáveis, fazendo com que a vítima duvide de suas crenças, se achando “doida” ou “histérica” (Souza, 2017; Sweet, 2019; Utley, 2017). Com relação às participantes, o *gaslighting* se manifestou através de falas como “tempestade em copo d’água”, “deixar em uma bolha”, duvidar de seus próprios comportamentos e acreditar que poderia estar ficando “louca”, por exemplo, sempre após algum posicionamento do parceiro e por influência dele.

Quanto à violência sexual, a principal questão que circunda tal tipo de agressão é com relação ao consentimento. Somente duas participantes disseram com convicção terem sido vítimas de estupro, pois não consentiram ao ato sexual com o parceiro. Porém, outras entrevistadas disseram que se questionam sobre o consentimento principalmente

após o término, pois o contexto do relacionamento e a dependência do parceiro dificultavam o dizer não.

Por muitas vezes, ao considerar os papéis de gênero e o que deve ser feito em um relacionamento romântico, certas noções como o consentimento e uma “obrigatoriedade” para a prática da relação sexual entram em discussão (Silva, 2018). Segundo definições de violência sexual, todo sexo que é realizado sem o consentimento de uma das partes é considerado violência (OMS, 2017). Nesse sentido, Carline, Gunby e Taylor (2017) ao investigarem a noção de consentimento em homens universitários, discutem que, comumente, por meio de uma visão masculina, a mulher se mantém como uma “*gatekeeper*” do consentimento. Ou seja, o consentimento existe até o momento que a mulher o negue, colocando-a em uma posição de responsabilidade frente a uma possível violência sexual. Nas entrevistas, tal dúvida permaneceu em especial por saber que o ato sexual aconteceu contra sua vontade, e ela, por conta de um contexto de não desapontar o parceiro ou de coerção, por exemplo, não negou: recaindo a responsabilidade da violência sexual sob a mulher.

O envio de nudes foi relatado por uma entrevistada como uma forma de controle do parceiro sobre ela, principalmente por conta de o relacionamento ser à distância. Novamente, para a participante em questão, a prática do *sexting* era sua responsabilidade para manter a estabilidade no relacionamento, sendo que o parceiro estava longe e demandava dela tal atividade. A coerção para o envio de fotos íntimas já foi reportada como presente na prática de *sexting* (Wood, Barter, Stanley, Aghtaie & Larkins, 2015; Morelli, Bianchi, Baiocco, Pezzuti & Chirumbolo, 2016). Novamente, o consentimento entra em questão, pois mesmo com o envio das imagens pela mulher, o contexto coercitivo para o compartilhamento da mídia é digno de nota nesse caso.

Quanto à dinâmica da violência no relacionamento, alguns pontos são importantes

de se destacar. O primeiro ponto diz respeito à reação das entrevistadas frente ao episódio violento. Muitas relataram medo de possíveis consequências advindas do parceiro, podendo ser piores do que o próprio ato em si. Dessa forma, escolher não reagir ou não argumentar contra o companheiro era a opção mais adequada, segundo elas. O medo de retaliações é um ponto comum citado na literatura por dificultar o enfrentamento da violência (Terra, D' Oliveira & Schraiber, 2015; Cardoso, 2017; Conceição, 2016; Oliveira, Samico, Ishigami & Nascimento, 2012). Teles e Melo (2017) destacam que por muitas vezes, o parceiro já conhece as maneiras na qual a mulher pode reagir e se comporta com base nisso, tornando-a vulnerável e perpetuando a violência psicológica, que aqui, foi citada pelas entrevistadas.

Um segundo ponto acerca da dinâmica do relacionamento relatado é derivado do ponto de vista de que o isolamento social também é um tipo de violência. O termo “deixar em uma bolha” foi usado para descrever o cerceamento realizado pelo parceiro, que as manipulavam e as faziam questionar se suas próprias ações estavam corretas. Por conta de tal cerceamento, as entrevistadas disseram que o parceiro alterava sua noção de realidade, por muitas vezes para que não reagisse às suas agressões. Nesse sentido, a culpabilização da vítima também se fez presente nesse aspecto, na qual a percepção das participantes foram de que o parceiro facilitava a produção de culpa através da aproximação dele e de tais manipulações, estas já citadas. A culpabilização da vítima é comumente citada como concepções de que comportamentos da parte da mulher podem colaborar com a ocorrência de situações violentas para com elas, assim atribuindo erroneamente a autoria da vítima e não do agressor (Schoenmaker, Gessner, Fornari, Fonseca & Oliveira, 2016; Serra, 2011; Cardoso & Costa, 2019).

Outro aspecto relevante sobre a dinâmica da violência no relacionamento é com relação aos relatos de violência como um ciclo. A descrição dos atos violentos realizados

pelo parceiro dessa maneira partiu das próprias entrevistadas, na qual apontaram que ações de ambos levavam à manutenção da violência. Além disso, houve percepções que após o término do relacionamento, o ex-parceiro também continuou os atos violentos com outras mulheres.

Considerar a violência por parceiro íntimo como um ciclo se assemelha bastante com o conceito descrito por Walker (1979). O autor descreve a violência no relacionamento em três estágios que se retroalimentam: fase de tensão, fase violenta e fase da “lua-de-mel”. O conjunto dessas três fases levam a um ciclo que proporciona a reconciliação da mulher com o homem agressor. Dessa maneira, a cada ciclo que repete, mais difícil é a percepção de um possível escalonamento da intensidade e frequência da violência; mais difícil de sair de tal ciclo e mais fácil de se adaptar a tal rotina (Medeiros & Tavares, 2017; Guimarães & Diniz, 2017). Nesse sentido, os relatos apontam que tal percepção de um ciclo de violência somente foi possível após o término do relacionamento, reforçando assim o ponto de vista de que o contexto do relacionamento dificultava reações e as faziam questionar-se sobre quais ações seriam ou não, violentas.

Por outro lado, as mulheres descreveram que houve também fatores que facilitaram a percepção da violência no relacionamento. Em estudos de prevalência acerca da presença da violência contra a mulher em relacionamento com um parceiro íntimo, o grau de escolaridade se configurou como um fator de atenção (D’Oliveira et al, 2009; Pereira, Bueno, Bohnenberger & Sobral, 2018; Rosa, Ramos, Gomes, Melo & Melo, 2018; Viera, Perdona & Santos, 2011). Porém, de acordo com a categorização do perfil sociodemográfico das entrevistadas, todas encontravam-se cursando ou com no mínimo o ensino superior completo no momento da entrevista.

Cisne e Oliveira (2017) destacam que todas mulheres submetidas a uma sociedade patriarcal sofrem algum tipo de violência, mesmo que algumas, dependendo da classe

social e de questões de raça, possam estar menos expostas a este fenômeno. Nesse sentido, no caso das entrevistadas, a respeito desta variável é importante apontar que algumas mulheres destacaram a importância de sua formação na percepção de atos inadequados e violentos em um relacionamento. As participantes que relataram serem psicólogas, em especial, explicitaram que os debates realizados em sua graduação foram essenciais para colaborar com a visão de que aspectos do relacionamento não estavam corretos e na tomada de decisão de buscar o término com o parceiro íntimo.

Um fator que também colaborou para a percepção e o enfrentamento da violência vivenciada foi a comparação social. Ver que o parceiro agia de maneira diferente - sem ser violenta - dentro do círculo de convívio do casal, foi um sinal para produzir um incômodo na mulher. É entendido que as estratégias de enfrentamento podem envolver diversos fatores, ações e sujeitos, além de ser influenciado pela história de vida, o contexto em que está inserida, juntamente da compreensão do estabelecimento dos laços sócio afetivos pela mulher (Souza & Silva, 2019; Silva, Araújo, Valongueiro, Ludermir, 2013; Vieira, Padoin, Souza & Paula, 2011). Considerando tais aspectos, a rede social próxima ao casal foi indicada como uma referência frente aos atos do parceiro, proporcionando comparação e compreensão de divergências que colaboraram para a percepção da violência e encorajamento ao enfrentamento.

Outro fator que colaborou no enfrentamento da violência foi o impacto emocional percebido. Mesmo com a dificuldade de ver certas ações do parceiro como violentas, sendo notados e relatados com maior convicção apenas após o término do relacionamento; as consequências psicológicas foram percebidas no decorrer da relação. Insegurança emocional, o medo e angústia constante, entre outros produtos do relacionamento violento se configuraram também como referência e fonte de incômodo para as participantes, colaborando para verem que algo não estava correto em seu

relacionamento com o parceiro íntimo.

### *3. Sobre o papel da internet na violência vivenciada*

Para as entrevistadas, a utilização da internet e das redes sociais é cotidiana. O uso se dá para se informar, fazer contatos com a família e amigos, trabalhar, diversão e entretenimento. Dados do IBGE (2018) apontam que 74,9% dos domicílios no país já utilizam a internet. Segundo a pesquisa, mulheres fazem maior uso da internet que os homens, seja na área urbana ou rural. Assim, é importante ressaltar uma perspectiva mais “democrática” com relação à utilização da internet, independente do gênero, com seu acesso sendo ampliado com o passar dos anos.

Dentre as redes sociais mencionadas, é possível destacar o Instagram, Facebook e WhatsApp. O Instagram foi a rede social que mais se ressaltou, sendo reportada pela maioria das mulheres. A rede social é considerada uma das maiores da atualidade, contando com em média 800 milhões de usuários no mundo todo (Müller, 2018). Sendo acessado em especial por meio do celular, principalmente por seu aplicativo, o Instagram proporciona o compartilhamento de fotos, vídeos e textos em uma comunidade que é alimentada por meio de postagens, compartilhamentos, curtidas e comentários (Instagram, 2020). A rotina, facilidade de acesso a conteúdos selecionados e a popularidade do Instagram no círculo social foram alguns aspectos enfatizados sobre a utilização do Instagram pelas participantes.

Outra rede social mencionada pelas entrevistadas foi o Facebook. O relato sobre a diminuição do uso de tal rede social é coerente com pesquisas recentes que indicam que sua utilização vem sendo reduzida nos últimos anos no país (Autran, 2019). Quanto ao WhatsApp, seu propósito foi referido para o envio de mensagens e compartilhamento de

mídias: como fotos, vídeos e áudios, também bastante popular entre os conhecidos das participantes. Outras redes sociais citadas previamente nos resultados do presente estudo tiveram somente seus nomes mencionados como parte do uso cotidiano da internet.

As entrevistadas afirmaram que a violência por parceiro íntimo também ocorreu pela internet. Porém, para elas, a violência online e offline não mostraram diferenças significativas, pois o ciclo se manteve independentemente do local e da ferramenta utilizada para sua ocorrência. Melander (2010) ao investigar percepções de estudantes universitários acerca da violência por parceiro íntimo que ocorre online, discute evidências que mostram a existência de situações de violência entre o casal, como terrorismo e controle nesse âmbito, por exemplo. Dessa maneira, a autora destaca que certas tipologias usadas para explicar a violência que acontece entre parceiros íntimos também são vistas nas relações online. Ou seja, padrões de tais tipologias, comumente referenciadas em estudos sobre o assunto, podem ser observadas e analisadas de maneira online e offline.

Um aspecto relevante percebido pela pesquisadora durante as entrevistas foi que mesmo antes de direcionar as questões para o contexto online do relacionamento narrado, já havia menções sobre a utilização da internet e das redes sociais no contato com o parceiro e com outras pessoas do círculo de conhecidos do casal. Nesse sentido, pode-se refletir acerca da naturalidade na qual ao ambiente virtual é inserido no cotidiano das mulheres entrevistadas, e da mesma forma, na qual a violência também se manteve por tais meios.

Marganski e Melander (2015) indicam que a utilização das chamadas “novas tecnologias” na violência por parceiro íntimo não é mais incomum e ressaltam a importância da investigação das interpretações individuais das vítimas acerca dos atos violentos vivenciados. Assim, segundo as participantes, uma das funções destacadas foi

a utilização da internet como ferramenta de controle pelo parceiro. Houve vigilância das atividades realizadas nas redes sociais, a investigação da localização da mulher e a tomada do celular da parceira para checagem, sem a autorização da mesma.

Nesse sentido, uma questão percebida pelas entrevistadas, tanto de maneira presencial, quanto online, refere-se ao cerceamento dos relacionamentos interpessoais impostos pelo parceiro. As participantes relataram que o companheiro exigia que elas bloqueassem, parassem de seguir e/ou adicionar certas pessoas nas redes sociais na qual julgasse inadequado de acordo com critérios individuais estipulados por ele. Homens com os quais as mulheres já haviam tido algum tipo de relacionamento romântico, amigos homens e/ou amigas mulheres que pudessem intervir de alguma maneira no relacionamento do casal estavam entre as pessoas em relação às quais era demandada a interrupção do contato virtual.

Existem estudos que descrevem que o monitoramento realizado por um parceiro íntimo às redes sociais do companheiro nem sempre é visto como intrusivo, especialmente em populações mais jovens, como adolescentes, por exemplo (Smith-Darden, Kernsmith, Victor & Lathrop, 2017; Van Ouytsel, Walrave, Ponnet, Willems & Van Dam, 2019). Já Messinger, Birmingham e DeKeseredy (2018) descrevem que o monitoramento é uma espécie de violência que pode ser facilmente confundida e encarada como menos séria. Em adultos, os autores encontraram evidências que sugerem que o monitoramento online somente foi considerado como preocupante quando aliado a algum tipo de violência física pelos participantes do estudo. Tal monitoramento também é chamado de *stalking* ou *cyberstalking* em algumas publicações (Fissel, 2018; Woodlock, 2017)

Em contrapartida, outras pesquisas apontaram que o monitoramento das redes sociais de um(a) parceiro(a) é bastante comum em situações de ciúmes (Rueda, Lindsay

& Williams, 2015; Bevan, 2018), podendo ser aliado também a sentimentos negativos, como angústia e medo, por exemplo (Fissel, 2018; Woodlock, 2017). No caso das participantes da presente pesquisa, a percepção de tais atos como violentos vinha desde quando ainda estavam em um relacionamento com o parceiro em questão, mas ficou ainda mais claro depois do término. Para elas, aspectos relacionados ao monitoramento eram mais evidentes, pois a internet e as redes sociais - espaços que poderiam ser considerados “livres” -, também foram usados pelo parceiro para ter acesso a informações sobre elas.

Outro aspecto considerado intrusivo pelas entrevistadas foi com relação às postagens realizadas pelo parceiro, com a inclusão dela, porém sem seu consentimento. A inclusão é feita por meio da opção “marcar” em uma publicação, na qual o perfil da pessoa referenciada fica em evidência em uma postagem. Ao contrário do que foi mencionado em certos estudos que identificaram a presença de violência online por um parceiro íntimo (Burke, Wallen, Vail-Smith & Knox, 2011; Bates, 2017; Nova, Rifat, Saha, Ahmed & Guha, 2019), as publicações citadas pelas entrevistadas não descreviam ameaças ou conteúdos negativos. Eram incluídos elogios, fotos do casal e textos que mostravam afeição por parte do parceiro. Tal expressão de comprometimento online com a relação também já foi reportada de maneira positiva na literatura (Fox, Warber, & Makstaller, 2013; Papp, Danielewicz, & Cayemberg, 2012; Lincoln & Robards, 2016). A questão é que para as participantes, as postagens tinham outras funções. Exemplos abrangem o incômodo de tais publicações serem dispostas abertamente na rede social em questão, para qualquer seguidor ver; a possibilidade do conteúdo poder ser julgado socialmente como positivo, sendo que na verdade, o contexto do casal era composto de atos violentos realizados pelo parceiro; e o sentir-se obrigada em assentir com a publicação (ou até realizar uma postagem por conta própria), juntamente do compartilhamento em seu perfil.

Por outro lado, a utilização da internet e das redes sociais também foram mencionadas como essenciais ao enfrentamento da violência contra a mulher por parceiro íntimo. As tecnologias podem ser benéficas ao facilitarem a comunicação em um relacionamento amoroso, de maneira geral; além de terem a possibilidade de servir como fonte de suporte informacional em casos de violência contra a mulher (Baker & Careño, 2016; Belknap, Chu & DePrince, 2011).

A princípio, o maior destaque foi com relação aos relatos que indicaram a facilidade que as redes sociais e a internet podem proporcionar para o acesso à informação. As entrevistadas enfatizaram a disponibilidade de conhecimentos online, especialmente sobre o que é a violência em um relacionamento íntimo e como é possível identificá-la. Assim, as redes sociais favoreceram a troca de experiências e serviram como um meio de desabafo, além de oportunizar o contato das mulheres vítimas com a sua rede de apoio social.

Outra questão pontuada por algumas entrevistadas é com relação ao registro de provas da violência que foi vivenciada. Os relatos descreveram que mensagens de texto (SMS), no WhatsApp e em outros mensageiros estão salvas caso seja necessário mostrar alguma evidência no futuro. Em relação a uma das entrevistadas, as mensagens de texto (SMS) foram utilizadas em um pedido de medida protetiva contra o ex-parceiro, pois continham conteúdos ameaçadores enviados por ele. Dessa forma, por meio da ferramenta, o pedido foi concedido pelo juiz do caso com base na Lei Maria da Penha (Lei n. 11340, 2006). O WhatsApp também possui uma opção de realizar *backup* das mensagens e mídias compartilhadas dentro do aplicativo. Ou seja, os dados são salvos em nuvem, podendo ser acessados quando o(a) usuário(a) preferir (WhatsApp, 2020). Dessa forma, o registro das evidências da violência contribuiu para um sentimento de segurança para as entrevistadas e de testemunho perante as dúvidas se certas situações com o

parceiro realmente aconteceram. Assim, houve descrições que às vezes, algumas conversas eram revisitadas, tanto para serem revistas por ela, quanto para mostrar detalhes do relacionamento violento para outras pessoas.

Além disso, um termo que foi mencionado diversas vezes pelas participantes foi o “movimento de onda”. Ao se referirem a este conceito, elas descreveram perceber que conteúdos relacionados a feminismo, violência contra a mulher, relacionamento abusivo e assédio, por exemplo, chegam até elas muitas vezes até de maneira aleatória por meio das redes sociais. Ou seja, são assuntos que percebem estar em evidência na internet, principalmente com o objetivo de conscientizar outras mulheres sobre o tema. Com isso, relataram que tais informações colaboraram para o seu enfrentamento e esclarecimento sobre a violência em um relacionamento. Tal “movimento” pode ser percebido por meio da utilização de *hashtags* como campanhas nas redes sociais; troca de comentários, *replies* ou posts sobre o assunto; na divulgação jornalística online acerca de aspectos da violência contra a mulher e das possibilidades de denúncia e manifestações jurídicas frente ao fenômeno, por exemplo (Pereira, 2018). Assim, mensagens, textos, fotos, vídeos, entre outros, de pessoas de fora do círculo social podem chegar até a pessoa.

#### *4. Sobre as amizades e o relacionamento*

Quanto às redes de amizades, houve relatos que apontaram um isolamento social como uma forma de violência pelas participantes. Tal afastamento do contexto social provocado pelo companheiro teve como foco, segundo as entrevistadas, principalmente, os amigos da mulher. Dessa forma, o distanciamento ocorreu em três direções: a pedido do parceiro, por decisão da mulher e/ou por escolha dos amigos.

Como mencionado anteriormente, o parceiro ao favorecer um contexto de isolamento social, dificultava o contato da mulher com seus amigos, especialmente

aqueles que poderiam intervir no relacionamento de maneira indesejada por ele. Além disso, homens com os quais as mulheres haviam tido algum tipo de relacionamento previamente ou amigos homens eram os principais alvos do cerceamento. O isolamento social provocado por um parceiro íntimo pode ser considerado com um tipo de abuso psicológico e faz parte de uma classe de comportamentos controladores (Coelho, Silva & Lindner, 2018). Os autores indicam que ao limitarem o acesso a sua rede de suporte, podem impedir inclusive a autonomia e independência da mulher; sendo que estes fatores que colaboram na libertação do ciclo da violência.

Da parte da mulher, além do contexto de isolamento proporcionado pelo parceiro, a escolha por se afastar de seus amigos se deu principalmente por vergonha de se aproximarem destes por conta do relacionamento na qual estava vivenciando. Nesse sentido, os relatos indicam, de maneira geral, que poucos amigos do círculo de amizades da mulher sabiam sobre a violência; ou não sabiam: tanto por escolha da participante ou pelo fato da violência ser mais presente no contexto íntimo do casal. Tal dado corrobora o que foi encontrado por Guerrero (2016). Ao investigar percepções de jovens universitários vítimas de violência no namoro no contexto capixaba, a autora aponta que o medo de se expor para sua rede de apoio foi um relato muito comum. Dessa forma, foi destacado em seu estudo que de maneira geral, as mulheres optaram por não procurarem ajuda por diversos motivos, porém o medo e/ou vergonha de esclarecer o acontecido estão entre as principais justificativas reportadas pelas participantes.

Em uma terceira direção do isolamento social, as entrevistadas destacaram que alguns amigos após avisarem e alertarem a mulher sobre as percepções da violência no relacionamento que estavam observando, decidiram diminuir e até cortar o contato com elas. O motivo mais apontado para isso acontecer foi um aparente cansaço da parte dos amigos, pois após realizarem tais alertas e não verem resultados com relação ao que seria

esperado do enfrentamento, teriam “desistido” de insistir.

Medeiros (2015) ao investigar riscos em casos de violência por parceiro íntimo, entrevistou profissionais da saúde que atendem mulheres em situação de violência no Distrito Federal. Sobre a rede social, a autora aponta a importância de conhecer a reação dos amigos frente a violência vivenciada, pois estes podem assumir um papel de suporte ou de facilitação da violência. Os alertas da parte dos amigos acerca da situação violenta vivenciada pela mulher podem ser vistos como tentativas de estabelecer relações de apoio, porém ao não serem considerados (ou parcialmente considerados), levaram ao afastamento dos amigos. Assim, o contexto pode ser novamente propício para a ocorrência da violência, e agora, com a mulher potencialmente se sentindo responsável por tal afastamento.

Assim, os relatos descrevem que após o término, o afastamento das amizades foi mais sentido com maior peso, pelas entrevistadas, após o término de seus relacionamentos. Conseqüentemente, os amigos dos quais haviam se distanciado foram procurados, para assim poder retomar os vínculos. Houve tentativas de explicar o que aconteceu e porquê da ocorrência do distanciamento. Dessa forma, houve esclarecimentos da parte da mulher vítima para com os amigos e pedidos de desculpas. Nesse sentido, os amigos puderam explicar suas opiniões acerca do relacionamento amoroso que as participantes mantinham até então, além de comunicarem os motivos de também optarem por um afastamento. A percepção de suporte social já foi considerada como fator que colabora para o enfrentamento da violência vivenciada (McLoughlin, O’Carroll, O’Connor, 2012; Sylaska & Edwards, 2014; Dichter & Gelles, 2012). Assim, reatar os vínculos com os amigos que haviam se afastado por escolha própria, da mulher vítima ou por coerção do parceiro, foi uma estratégia utilizada pelas participantes após o término do relacionamento violento.

Um detalhe interessante é que as buscas relatadas pelas participantes para recuperar o contato com suas amigas se deram parcialmente ou inteiramente pela internet e pelas redes sociais. Estudos avaliam que a possibilidade do anonimato ou do contato não ser presencial, facilita, por muitas vezes, a escolha de ferramentas online para a comunicação (Woodyatt, Finneran & Stephenson, 2016; Sahni & Jain, 2018). Por muitas vezes, o contato presencial com os amigos é dificultado por conta de diversas variáveis cotidianas, sendo o contato virtual uma opção fácil, ágil e rápida para a manutenção dos relacionamentos interpessoais. Sabendo que a acessibilidade e a disponibilidade dessas ferramentas virtuais são utilizadas para fazer amigos fora do círculo social presencial (Hood, Creed & Mills, 2018), é possível refletir que tais ferramentas sejam utilizadas para manter, reatar ou desenvolver a comunicação com amigos, na qual o contato já havia cessado. Ao narrarem medo, vergonha e/ou humilhação frente a sua rede de amigas por conta do relacionamento violento vivido, é possível refletir que a comunicação online seja uma ferramenta considerada para reatar tal vínculo.

Em contrapartida, outro aspecto evidenciado pelas entrevistadas foi com relação a relevância da rede de amigas no enfrentamento da violência por parceiro íntimo. As participantes descreveram que os amigos foram fundamentais para que lidassem com as situações conflituosas, seja durante ou após o relacionamento. Alertas, comentários, companhia para sair, perguntas sobre o bem-estar, entre outros, são alguns exemplos. Aqui também o apoio vindo dos amigos acontecia de maneira online.

Sylaska & Edwards (2014) ao analisarem a literatura sobre violência por parceiro íntimo, apontam que os amigos se configuram na literatura como um dos principais pontos de suporte às vítimas de violência por parceiro íntimo, sendo considerados como os que tem os maiores níveis de ajuda percebida. Branch, Richards e Drestch (2013) destacam em sua pesquisa que em uma amostra de 275 calouros universitários, 98%

disseram que ajudariam caso um amigo(a) estivesse passando por uma situação de violência no relacionamento. As autoras evidenciam que este é um dado importante, principalmente ao saber que as chances de que a vítima informe a um amigo(a) sobre o que está acontecendo em seu relacionamento romântico são altas. Esta importância também é ressaltada na presente dissertação, pois os amigos tiveram um papel relevante no enfrentamento da violência por parceiro íntimo pelas entrevistadas.

Também percebido nos relatos, o suporte vindo dos amigos incluiu apoio informacional, prático e social (em contrapartida ao isolamento social) como tipos de apoio. Santos (2016) descreve que o suporte vindo de amigos pode ser sob forma de conselhos, *feedbacks*, ajuda na resolução de conflitos e indicação de relacionamentos não saudáveis. Considerando as participantes da pesquisa, tais ações vindas dos amigos se configuraram como contextuais e individuais às necessidades de cada uma, porém, com a mesma função de facilitar o enfrentamento. Este ponto também é levantado por Sylaska e Edwards (2014), que descrevem que o suporte “informal” dos amigos varia, inclusive, de acordo com suas reações, pode mudar com o tempo e apresentar níveis diversos.

Por fim, é relevante destacar que houve narrativas sobre o papel direto de amigos na violência experienciada pelas entrevistadas. Nesses casos, as descrições foram sobre situações de deboche de pessoas do círculo de amizades do parceiro, que dessa forma legitimou a ocorrência de atos violentos da parte dele. Nesse contexto, a culpabilização da vítima se faz presente, também sob a perspectiva dos amigos. Porém, se faz necessário ressaltar que tais amigos faziam parte da rede de amizades do parceiro. Assim, a participação deles se deu ao endossarem ações violentas do parceiro frente a vítima, fragilizando a percepção de suporte social naquele momento. Pesquisas apontam que amigos e a família do parceiro agressor foram menos cogitados para procurar ajuda por mulheres, sendo que pessoas do seu círculo (amigos e família) da vítima são as percebidas

como maior chance de colaborar, caso seja necessário (Bosch & Bergen, 2006; Merrill & Wolfe, 2000; Rizo & Macy, 2011; Sylaska & Edwards, 2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados e discussões apresentadas, é possível realizar algumas considerações. A princípio, é importante apontar que a presente dissertação buscou apenas elucidar algumas questões acerca da participação das redes de amizades na violência contra a mulher por parceiro íntimo, investigando o papel de contextos online e offline. Considera-se impossível estudar relacionamentos interpessoais sem assumir a complexidade da interação humana e as inúmeras possíveis variáveis envolvidas nos fenômenos citados.

Dessa forma, alguns pontos podem ser evidenciados como relevantes no presente estudo. A princípio, ressalta-se a importância da análise do contexto, ao se considerar a violência por parceiro íntimo. Este se mostrou essencial para compreender os atos violentos e a história do relacionamento. Além disso, por meio de descrições acerca deste, no início, decorrer e após o relacionamento, foi possível identificar alguns fatores que ao permearem o contexto, acabaram facilitando a ocorrência da violência por parceiro íntimo. Isolamento social, problemas de saúde mental, dependência, fragilidade, vergonha, humilhação, entre outros, aliados aos atos violentos realizados pelo parceiro são alguns exemplos de variáveis que influenciaram no enfrentamento pelas mulheres entrevistadas.

As entrevistadas utilizaram palavras que são mencionadas na literatura, como o conceito de “violência psicológica” e a violência como um “ciclo”. Tal fato foi relevante ao ressaltar que as participantes, após o relacionamento, apresentaram certo

conhecimento e consciência sobre os atos violentos experienciados. Nesse aspecto, o grau de escolaridade se mostrou como um facilitador para a compreensão do contexto em que estavam vivendo, segundo as entrevistadas. Especialmente as participantes que reportaram serem psicólogas, este é um assunto que chega até a formação, colaborando para que ficassem mais cientes e favorecendo uma possível reação e/ou término. Outra informação interessante a ser mencionada é com relação ao reconhecimento do relacionamento violento como fonte de aprendizado. Assim, as participantes relataram que ficaram mais fortes com relação a próximos relacionamentos, conseguindo discernir com maior clareza o que deve ou não aceitar em um relacionamento romântico.

Dentre os tipos de violência citados, um dado significativo a se ressaltar diz respeito à violência sexual. O consentimento foi um fator que gerou muitas dúvidas e angústias para as participantes, principalmente quanto ao fato se este foi verbalizado ao parceiro ou não, mesmo que a relação sexual tenha ocorrido contra sua vontade. Dessa maneira, evidencia-se a responsabilidade que é atribuída a mulher nesse contexto, de maneira a ser mais uma forma de culpabilização da vítima frente a uma situação de violência sexual.

Quanto à internet e as redes sociais, viu-se que estas são indissociáveis do cotidiano das entrevistadas e que tiveram diversas funções no relacionamento violento: sejam negativas ou positivas. A internet, as redes sociais e os aparelhos para a utilização destes meios serviram como ferramentas de controle do parceiro sobre as entrevistadas. O cerceamento e a exposição pública do relacionamento foram alguns exemplos citados que produziram diversas consequências psicológicas para as participantes, fazendo parte do então chamado “ciclo” de violência.

Em contrapartida, a internet e as redes sociais foram referidas como essenciais para a manutenção de um relacionamento romântico. Considerou-se que o contexto online

proporcionou acesso de maneira ágil e fácil a diversos tipos de informação e conhecimento, principalmente com relação a definições de violência contra a mulher por parceiro íntimo. Assim, um “movimento de onda” foi citado como um processo recente de conscientização que vem sendo percebido pelas entrevistadas através da utilização da internet e das redes sociais, que traz noções e questionamentos acerca de suas realidades. Além disso, a aproximação do feminismo foi mencionada como um aspecto que favoreceu o enfrentamento da violência e os ambientes virtuais foram um dos principais locais na qual as mulheres tiveram acesso a este tipo de informação.

Uma ligação entre as ferramentas e as redes de amizades foi percebida. A internet e as redes sociais foram consideradas pelas participantes como meio de comunicação com os amigos: seja para manter o contato, reatar amizades por conta do isolamento social consequente do relacionamento ou buscar a sua rede de suporte. O destaque se dá por conta de relatos que indicaram que a comunicação online se dava/ se dá de maneira mais frequente do que o convívio presencial. Diversas justificativas foram expostas para a utilização destes meios, como a facilidade de acesso, a rapidez para o contato, além de não haver o contato face-a-face, que pode dificultar o compartilhamento de informações mais sensíveis, por exemplo.

Ainda com relação as redes de amizades, estes ocuparam papéis diretos e indiretos na história dos relacionamentos citados. Além de serem considerados como fundamentais pelas participantes para o enfrentamento da violência, indiretamente, o isolamento social foi um dos principais mecanismos utilizados pelo parceiro como um ato violento e como maneira de controlar o contexto. O afastamento de suas redes, em especial, os amigos, dificultaram o enfrentamento e a percepção da violência, segundo as entrevistadas: seja por coerção do companheiro ou por escolha da mulher vítima, como mencionado anteriormente no presente estudo. Além disso, também foi pontuado que houve

afastamentos por opção dos próprios amigos, sobretudo por conta da falta de consideração das entrevistadas acerca dos alertas proporcionadas por eles. Ou seja, a falta de reação da parte da mulher, mesmo com os avisos dos amigos, foram fonte de insatisfação para eles, culminando em um distanciamento. Isso ressalta que em casos de violência contra a mulher por parceiro íntimo, considerar e buscar compreender a influência da rede de suporte, principalmente quanto aos amigos, se faz necessário.

Com relação às limitações, acredita-se não ser possível traçar algum tipo de análise utilizando-se do tempo de duração do relacionamento, pois pelo que foi observado através das descrições, diversas variáveis e contextos fazem parte das escolhas e do desenvolvimento do relacionamento íntimo. Dessa forma, sugere-se que outros tipos de análise deveriam ser conduzidos a fim de investigar algum tipo de ligação a respeito em outra oportunidade. A religião também foi um dado que foi apenas mencionado parcialmente por uma participante, porém destacado no perfil sociodemográfico por meio do roteiro de entrevista. Da mesma forma, não houve dados suficientes para traçar qualquer tipo de análise.

Outro ponto importante é com relação a posição social das mulheres entrevistadas. O fato de que todas estão cursando/cursaram o ensino superior é um dado que mostrou ser relevante quanto a percepção da violência vivenciada. Assim ressalta-se a recomendação a novos estudos para que compreendam uma população mais diversificada quanto aos dados sociodemográficos. Dessa forma, é possível criar hipóteses frente ao acesso à internet, à informação, às definições de violência por parceiro íntimo e a questões ligadas ao feminismo da população com uma posição social menos favorável com relação ao enfrentamento.

Mesmo que o estado do Espírito Santo tenha reduzido seus índices de violência de violência letal contra mulheres nos últimos anos (Cerqueira et al., 2019), a presente

dissertação se destaca ao aproximar-se deste fenômeno no Estado, aliando-se ao papel da internet e da rede de amizades nesse contexto. Dessa maneira, a partir do que foi apresentado, estima-se que intervenções em psicologia e políticas públicas possam também se atentar a estes aspectos como novas possibilidades acerca da prevenção da violência por parceiro íntimo, tanto no Espírito Santo, como em escala nacional.

## REFERÊNCIAS

- Aakvaag, H. F., Thoresen, S., Wentzel-Larsen, T., Dyb, G., Røysamb, E., & Olf, M. (2016). Broken and guilty since it happened: A population study of trauma-related shame and guilt after violence and sexual abuse. *Journal of affective disorders*, 204, 16-23. doi: 10.1016/j.jad.2016.06.004
- Acosta, D. F., Gomes, V. L. O., Fonseca, A. D., & Gomes, G. C. (2015). Violência contra a mulher por parceiro íntimo:(in) visibilidade do problema. *Texto & Contexto Enfermagem*, 24(1), 121-127. doi: 10.1590/0104-07072015001770013
- Agência Patrícia Galvão (2015). *Violência de gênero na Internet*. Recuperado de: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/violencias/violencia-de-genero-na-internet>
- Agência Senado. (2018, 04 abril). *Sancionadas duas leis para coibir violência contra a mulher*. Recuperado de <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SEGURANCA/555463-SANCIONADAS-DUAS-LEIS-PARA-COIBIR-VIOLENCIA-CONTRA-A-MULHER.html>.
- Albuquerque Netto, L., Moura, M. A. V., Queiroz, A. B. A., Leite, F. M. C., & Fernandes, G. (2017). Isolamento de mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: uma condição em redes sociais. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 21(1), 1-8. doi: 10.5935/1414-8145.20170007
- Ali, P. A., & Naylor, P. B. (2013). Intimate partner violence: A narrative review of the biological and psychological explanations for its causation. *Aggression and Violent Behavior*, 18(3), 373-382. doi: 10.1016/j.avb.2013.01.003
- Ando, H., Cousins, R., & Young, C. (2014). Achieving saturation in thematic analysis: Development and refinement of a codebook. *Comprehensive Psychology*, 3 (1), 1-7. doi: 10.2466/03.CP.3.4
- Andrade, A. L., & Silva, P. O. M. (2013). Configurações e consequências de investimento afetivo em relacionamentos românticos. *Psicologia e Saber Social*, 2(2), 217-228. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2013.8795
- Araújo, L. S., Coutinho, M. P. L., Alberto, M. F. P., Santos, A. M. D., & Pinto, A. V. L. (2018). Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. *Psicologia em Estudo*, 23(1), 1-17. doi: 10.4025/psicoestud.v23i0.34502
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness*. (2ed). East Sussex: Routledge.
- Attili, G., & Hinde, R. A. (1986). Categories of aggression and their motivational heterogeneity. *Evolution and Human Behavior*, 7(1), 17-27. doi: 10.1016/0162-3095(86)90012-9
- Autran, F. (2019). *Uso do Facebook está em queda no Brasil, diz pesquisa do Datafolha*. Recuperado de: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/140263-uso-facebook-queda-brasil-diz-pesquisa-do-datafolha.htm>

- Baker, C. K., & Carreño, P. K. (2016). Understanding the role of technology in adolescent dating and dating violence. *Journal of Child and Family Studies*, 25(1), 308-320. doi: 0.1007/s10826-015-0196-5
- Baron, N. S. (2002). Language of the Internet. In Farghali, A. (Ed.), *The Stanford Handbook for Language Engineers* (pp. 59-127). Stanford: CSLI Publications.
- Bates, S. (2017). Revenge porn and mental health: A qualitative analysis of the mental health effects of revenge porn on female survivors. *Feminist Criminology*, 12(1), 22-42. doi: 10.1177/1557085116654565
- Belknap, J., Chu, A. T., & DePrince, A. P. (2011). The roles of phones and computers in threatening and abusing women victims of male intimate partner abuse. *Duke J. Gender L. & Pol'y*, 19, 373. Recuperado de: <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/djglp19&div=15&id=&page=>
- Benotsch, E. G., Snipes, D. J., Martin, A. M., & Bull, S. S. (2013). Sexting, substance use, and sexual risk behavior in young adults. *Journal of Adolescent Health*, 52(3), 307-313. doi: 10.1016/j.jadohealth.2012.06.011
- Bevan, J. L. (2018). Social networking site password sharing and account monitoring as online surveillance. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 21(12), 797-802. doi: 10.1089/cyber.2018.0359
- Beydoun, H. A., Williams, M., Beydoun, M. A., Eid, S. M., & Zonderman, A. B. (2017). Relationship of physical intimate partner violence with mental health diagnoses in the nationwide emergency department sample. *Journal of Women's Health*, 26(2), 141-151. doi: 10.1089/jwh.2016.5840
- Bittar, D., & Kohlsdorf, M. (2017). Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. *Psicologia Argumento*, 31(74), 447-456. doi: 10.7213/psicol.argum.31.074.DS08
- Blank, G., & Lutz, C. (2017). Representativeness of social media in great britain: investigating Facebook, LinkedIn, Twitter, Pinterest, Google+, and Instagram. *American Behavioral Scientist*, 61(7), 741-756. doi: 10.1177/0002764217717559
- Blay, E. A. (2014). Feminismos e masculinidades: os impasses da violência contra a mulher. In Blay, E. A. (Org.) *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. (pp. 11-28). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Bloom, S. (2014). No vengeance for revenge porn victims: Unraveling why this latest female-centric, intimate-partner offense is still legal, and why we should criminalize it. *Fordham Urban Law Journal*, 42(1), 233-289. Recuperado de <https://ir.lawnet.fordham.edu/ulj/vol42/iss1/2/>
- Borrajo, E., Gámez Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema*, 27(4), 327-333. doi: 10.7334/psicothema2015.59

- Bosch, K., & Bergen, M. B. (2006). The influence of supportive and nonsupportive persons in helping rural women in abusive partner relationships become free from abuse. *Journal of Family Violence*, 21(5), 311-320. doi: 10.1007/s10896-006-9027-1
- Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of computer-mediated Communication*, 13(1), 210-230. doi: 10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x
- Branch, K. A., Richards, T. N., & Dretsch, E. C. (2013). An exploratory analysis of college students' response and reporting behavior regarding intimate partner violence victimization and perpetration among their friends. *Journal of interpersonal violence*, 28(18), 3386-3399. doi: 10.1177/0886260513504494
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Burin, D. I., Coccimiglio, Y., González, F. M., & Afanador, J. J. B. (2016). Habilidades digitais y lectura en entornos digitales: Desarrollos recientes sobre comprensión lectora digital. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 6(1), 191-206. Recuperado de <http://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia>
- Burke, S. C., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 27(3), 1162-1167. doi: 10.1016/j.chb.2010.12.010
- Burris, A. (2014). Hell hath no fury like a woman porned: Revenge porn and the need for a federal nonconsensual pornography statute. *Florida Law Review*, 66, 2325-2359. Recuperado de <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/uflr66&div=68&id=&page=>
- Canezin, P. F. M., & Almeida, T. D. (2015). O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. *Pensando famílias*, 19(1), 142-155. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100012)
- Cardoso, B. L. A. (2017). *Habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Psicologia, São Luís, Brasil).
- Cardoso, B. L. A., & Costa, N. (2019). Habilidades Sociais e Violência Contra a Mulher por Parceiro Íntimo. *Interação em Psicologia*, 23(1). doi: 10.5380/psi.v23i1.53789
- Carline, A., Gunby, C., & Taylor, S. (2018). Too drunk to consent? Exploring the contestations and disruptions in male-focused sexual violence prevention interventions. *Social & Legal Studies*, 27(3), 299-322. doi: 10.1177/0964663917713346
- Carter, D. (2005). Living in virtual communities: An ethnography of human relationships in cyberspace. *Information, Community & Society*, 8(2), 148-167. doi:

10.1080/13691180500146235

- Cerqueira, D.; Bueno, S.; Lima, R. S.; Neme, C.; Ferreira, H.; Alves, P. P.; Marques, D.; Reis, M.; Cypriano, O.; Sobral, I.; Pacheco, D.; Lins, G.; Armstrong, K. (2019). *Atlas da violência 2019*. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada [IPEA].
- Chester, D. S., & DeWall, C. N. (2018). The roots of intimate partner violence. *Current opinion in psychology*, 19, 55-59. doi: 10.1016/j.copsyc.2017.04.009
- Cisne, M., & de Oliveira, G. M. J. C. (2018). Violência contra a mulher e a lei Maria da Penha: desafios na sociedade patriarcal-racista-capitalista do Estado brasileiro. *Serviço Social em Revista*, 20(1), 77-96. doi: 10.5433/1679-4842.2017v20n1p77
- Citron, D. K., & Franks, M. A. (2014). Criminalizing revenge porn. *Wake Forest Law Review*, 49, 345–391. Recuperado de [https://digitalcommons.law.umaryland.edu/fac\\_pubs/1420/](https://digitalcommons.law.umaryland.edu/fac_pubs/1420/)
- Coelho, E. B. S., Silva, A. C. L. G. D., & Lindner, S. R. (2018). *Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502. doi: 10.15448/1980-8623.2015.4.20979
- Conceição, T. B. (2016). *Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, Brasil).
- Cortez, M. B. (2006). Gender conceptions: an angle to study violence against women. In Garcia, A. (Org.) *Relacionamento interpessoal: estudos e pesquisas*. (pp.136-138). Vitória: UFES.
- Cortez, M. B. (2012). *“Sem açúcar, com afeto”: estudo crítico de denúncias de violência contra as mulheres e dos paradoxos da judicialização*. (Tese de doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Vitória, Brasil).
- Cunha, V. B., & do Nascimento, P. D. (2015). Pensando a educação popular e participação social para mulheres em situação de violência doméstica em Teresina. *Revista Eletrônica Gestão e Saúde*, (1), 734-750. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5559008>
- Deeke, L. P., Boing, A. F., Oliveira, W. F. D., & Coelho, E. B. S. (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde e sociedade*, 18, 248-258. doi: 10.1590/S0104-12902009000200008
- Demir, M., Özen, A., & Procsal, A. D. (2014). Friendship. In Michalos, A. C. (Ed.). *Encyclopedia of quality of life and well-being research*. (pp. 2359-2364). Dordrecht: Springer.

- Dichter, M. E., & Gelles, R. J. (2012). Women's perceptions of safety and risk following police intervention for intimate partner violence. *Violence against women*, 18(1), 44-63. doi: 10.1177/1077801212437016
- d'Oliveira, A. F. P. L., Schraiber, L. B., França-Junior, I., Ludermir, A. B., Portella, A. P., Diniz, C. S., ... & Valença, O. (2009). Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. *Revista de Saúde Pública*, 43, 299-311. Recuperado de: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2009.v43n2/299-311/pt>
- Dourado, S. D. M., & Noronha, C. V. (2015). Marcas visíveis e invisíveis: danos ao rosto feminino em episódios de violência conjugal. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20, 2911-2920. doi: 10.1590/1413-81232015209.19012014
- Drouin, M., Coupe, M., & Temple, J. R. (2017). Is sexting good for your relationship? It depends.... *Computers in Human Behavior*, 75, 749-756. doi: 10.1016/j.chb.2017.06.018
- Dutra, M. D. L., Prates, P. L., Nakamura, E., & Villela, W. V. (2013). A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(5), 1293-1304. doi: 10.1590/S1413-81232013000500014
- Englander, E. K. (2015). Coerced sexting and revenge porn among teens. *Bullying, Teen Aggression & Social Media*, 1(2), 19-21. Recuperado de [https://vc.bridgew.edu/psychology\\_fac/69/](https://vc.bridgew.edu/psychology_fac/69/)
- Ermer, A. E., Roach, A. L., Coleman, M., & Ganong, L. (2017). Deconstructing Attitudes About Intimate Partner Violence and Bystander Intervention: The Roles of Perpetrator Gender and Severity of Aggression. *Journal of interpersonal violence*, 1-24. doi: 10.1177/0886260517737556
- Estébanez, L., & Vazquez, N. (2013). *La desigualdad de género y el sexismo en las redes sociales [Gender inequality and sexism in social networking]*. Bilbao, Spain: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco. Recuperado de [http://www.euskadi.eus/contenidos/noticia/liburua\\_sexismoa\\_gazteak\\_7/es\\_def/adjuntos/sexismo\\_gizarte\\_sareetan\\_c.pdf](http://www.euskadi.eus/contenidos/noticia/liburua_sexismoa_gazteak_7/es_def/adjuntos/sexismo_gizarte_sareetan_c.pdf)
- Fabeni, L., Souza, L. T. D., Lemos, L. B., & Oliveira, M. C. L. R. (2015). O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. *Revista do NUFEN*, 7(1), 32-47. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912015000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003)
- Ferreira, S. R. S. (2012). *Relacionamento e comunicação na era da informação: um estudo sobre as relações no Twitter*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil).
- Fissel, E. R. (2018). The reporting and help-seeking behaviors of cyberstalking victims. *Journal of interpersonal violence*, doi: 10.1177/0886260518801942
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33,(7), 1-19. doi: 10.1590/0102-311x00138516

- Flick, U. (2008). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Focosi, A. S., & Souza, R. M. D. (2016). Chronic pain map in the Internet: exploratory study. *Revista Dor*, 17(2), 101-105. doi: 10.5935/1806-0013.20160024
- Fonseca, D. H. D., Ribeiro, C. G., & Leal, N. S. B. (2012). Domestic violence against women: realities and social representations. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307-314. doi: 10.1590/S0102-71822012000200008
- Fox, J., Warber, K. M., & Makstaller, D. C. (2013). The role of Facebook in romantic relationship development: An exploration of Knapp's relational stage model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30(6), 771-794. doi: 10.1177/0265407512468370
- Garcia, A., Bitencourt Neto, C., Moura, L. T., & Pepino, C. B. (2010). Amizades internacionais de universitários brasileiros: uma análise dos episódios marcantes. In Garcia, A. (Org.) *Relacionamento interpessoal: uma perspectiva interdisciplinar*. (pp. 196-208). Vitória: UFES.
- Garcia, A. (2013). Relações interpessoais e sociedade: uma introdução. In Garcia, A., Pereira, F. P. & Oliveira, M. S. P. (Orgs.). *Relações interpessoais e sociedade*. (pp. 7-14). Vitória: UFES.
- Garcia, A., Pereira, F. N. & Macedo, M. D. C. (2015). In Demir, M. (Ed.) *Friendship and happiness* (pp. 81-97). Dordrecht: Springer.
- Garcia-Moreno, C., Jansen, H. A., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. H. (2006). Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *The lancet*, 368(9543), 1260-1269. doi: 10.1016/S0140-6736(06)69523-8
- Goodkind, J. R., Gillum, T. L., Bybee, D. I., & Sullivan, C. M. (2003). The impact of family and friends' reactions on the well-being of women with abusive partners. *Violence against women*, 9(3), 347-373. doi: 10.1177/1077801202250083
- Guedes, E., Nardi, A. E., Guimarães, F. M. C. L., Machado, S., & King, A. L. S. (2016). Social networking, a new online addiction: a review of Facebook and other addiction disorders. *MedicalExpress*, 3(1), 1-6. doi: 10.5935/MedicalExpress.2016.01.01
- Guerrero, D. M. (2016). *Violência no Namoro: Avaliação e as Estratégias de Enfrentamento de Vítimas e Agressores*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Vitória, Brasil).
- Guerrero, L. K., & Mongeau, P. A. (2008). On becoming "more than friends": The transition from friendship to romantic relationship. In Sprecher, S., Wenzel, A., & Harvey J. (Eds.), *Handbook of relationship initiation* (pp. 175-194). New York: Psychology Press.

- Guimarães, F. L. & Diniz, G. R. S. (2017). Masculinidades, duplo-vínculo e violência conjugal contra a mulher. In: Stevens, C.; Oliveira, S.; Zanello, V.; Silva, E.; Portela, C. (Orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. (pp. 586-605). Brasília: Tecnopolitik.
- Haydu, V. B., Paula, M. B., Zacarin, M. R. J., Santos, A., Borloti, E., & Fornazari, S. A. (2016). Terapia por meio de exposição à realidade virtual para medo e fobia de dirigir: uma revisão da literatura. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34(1), 67-81. doi: 10.12804/apl34.1.2016.05
- Hernández, R. R., Moreno, L. R., & Castillo, N. (2018). Violencia en el noviazgo, género y apoyo social en jóvenes universitarios. *Escritos de psicología*, 11(1), 1-9. doi: 10.5231/psy.writ.2018.2203
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. London: Psychology Press.
- Holder, M. D., & Coleman, B. (2015). Children's friendships and positive well-being. In Demir, M. (Ed.) *Friendship and happiness* (pp. 81-97). Dordrecht: Springer.
- Hood, M., Creed, P. A., & Mills, B. J. (2018). Loneliness and online friendships in emerging adults. *Personality and Individual Differences*, 133, 96-102. doi: 10.1016/j.paid.2017.03.045
- Instagram. (2020). *Recursos*. Recuperado de: <https://about.instagram.com/features>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2018). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016*. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>
- Justino, Y. A. C. (2017). *O relacionamento entre filhos adolescentes e seus pais e mães em um contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher*. (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo).
- Kalmijn, M. (2012). Longitudinal analyses of the effects of age, marriage, and parenthood on social contacts and support. *Advances in Life Course Research*, 17(4), 177-190. doi: 10.1016/j.alcr.2012.08.002
- Lapadat, J. C.; Lindsay, A. C. (1999). Transcription in research and practice: from standardization of technique to interpretative positionings. *Qualitative inquiry*, 5(1), 64-86. doi: 10.1177/107780049900500104
- Lei nº 11340 de 07 de agosto de 2006. (2006, 08 agosto). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm)

- Lei nº 12737 de 30 de novembro de 2012. (2012, 03 dezembro). Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm).
- Lei nº 13642 de 03 de abril de 2018. (2018, 04 abril). Altera a Lei nº 10.446, de 8 de maio de 2002, para acrescentar atribuição à Polícia Federal no que concerne à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres. Brasília: Presidência da República. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13642.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13642.htm).
- Liang, B., Goodman, L., Tummala-Narra, P., & Weintraub, S. (2005). A theoretical framework for understanding help-seeking processes among survivors of intimate partner violence. *American journal of community psychology*, 36(1-2), 71-84. doi: 10.1007/s10464-005-6233-6
- Lincoln, S., & Robards, B. (2016). Being strategic and taking control: Bedrooms, social network sites and the narratives of growing up. *New media & society*, 18(6), 927-943. Recuperado de [http://ljmu-test.eprints-hosting.org/id/eprint/1502/1/Lincoln\\_Robards%20FINAL.pdf](http://ljmu-test.eprints-hosting.org/id/eprint/1502/1/Lincoln_Robards%20FINAL.pdf)
- Lins, B. A. (2019). *Caiu na rede: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos*. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo).
- Lívia, L. G., & Cecato, J. F. (2018). Análise da Escala de Berg e do Timed Up and Go em idosos com Doença de Parkinson: realidade virtual como método de intervenção. *Perspectivas en Psicología*, 15(1), 58-64. Recuperado de <http://www.seadpsi.com.ar/revistas/index.php/pep/article/view/352>
- Machado, R. S. B. (2016). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos e Atitudes Perante os Papéis de Género numa amostra de Estudantes do Ensino Superior*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Pós-graduação em Psicologia, Psicologia Clínica e da Saúde, Coimbra, Portugal).
- Maia, J. O., & Braga, D. B. (2017). Popularidade e visibilidade em redes sociais online: negociação de capitais sociais em meio digital para ampliação de audiência. *Signótica*, 29(2), 354-376. doi: 10.5216/sig.v29i2.35577
- Marganski, A. (2013). Virtual Relationship Violence and Perspectives on Punishment: Do Gender or Nationality Matter?. *Future Internet*, 5(3), 301-316. doi: 10.3390/fi5030301
- Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: Examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of interpersonal violence*, 33(7), 1071-1095. doi: 10.1177/0886260515614283
- Martínez-Pecino, R., & Durán, M. (2016). I love you but I cyberbully you: the role of hostile sexism. *Journal of interpersonal violence*, 1-16. doi:

10.1177/0886260516645817

- Martins, M. P., Abreu-Rodrigues, M., & Souza, J. R. (2015). The use of the internet by the patient after bariatric surgery: contributions and obstacles for the follow-up of multidisciplinary monitoring. *ABCD. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo)*, 28, 46-51. doi: 10.1590/S0102-6720201500S100014
- McLaughlin, J., O'carroll, R. E., & O'connor, R. C. (2012). Intimate partner abuse and suicidality: a systematic review. *Clinical psychology review*, 32(8), 677-689. doi: 10.1016/j.cpr.2012.08.002
- Mead, C. G., & Kelty, S. F. (2018). Violence Next Door: The Influence of Friendship With Perpetrators on Responses to Intimate Partner Violence. *Journal of interpersonal violence*, 1-21. doi: 10.1177/0886260518779598
- Medeiros, M. N. (2015). *Avaliação de Risco em Casos de Violência Contra a Mulher Perpetrada por Parceiro Íntimo*. (Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Brasília, Brasil).
- Medeiros, M. N. & Tavares, M (2017). Construção e validação de checklist de avaliação de risco de violência contra mulher nas relações de intimidade. In: Stevens, C.; Oliveira, S.; Zanello, V.; Silva, E.; Portela, C. (Orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. (pp. 546-568). Brasília: Tecnopolitik.
- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 13(3), 263-268. doi: 10.1089/cyber.2009.0221
- Merrill, G. S., & Wolfe, V. A. (2000). Battered gay men: An exploration of abuse, help seeking, and why they stay. *Journal of homosexuality*, 39(2), 1-30. doi: 10.1300/J082v39n02\_01
- Messinger, A. M., Birmingham, R. S., & DeKeseredy, W. S. (2018). Perceptions of same-gender and different-gender intimate partner cyber-monitoring. *Journal of interpersonal violence*, 0886260518787814.
- Meyer, S. (2016). Still blaming the victim of intimate partner violence? Women's narratives of victim desistance and redemption when seeking support. *Theoretical criminology*, 20(1), 75-90. doi: 10.1177/1362480615585399
- Mitchell, K. J., Finkelhor, D., Jones, L. M., & Wolak J. (2012). Prevalence and characteristics of youth sexting: A national study. *Pediatrics*, 129(1), 13-20. doi: 10.1542/peds.2011-2242
- Mizuno, C., Fraid, J. A., & Cassab, L. A. (2010). Violência contra a mulher: Por que elas simplesmente não vão embora. *Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas*, 16-23. Recuperado de: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/3.CamilaMizuno.pdf>
- Moreira, N. C., Ferreira, M. A. M., de Freitas Carvalho, A. A. T., & Ckagnazaroff, I. B. (2012). Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social. *Revista de*

*Administração Pública*, 46(2), 403-423. Recuperado de: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7091>

- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016). Sexting, psychological distress and dating violence among adolescents and young adults. *Psicothema*, 28(2), 137-142. doi: 10.7334/psicothema2015.193
- Müller, L. (2018, 20 junho). *Instagram já tem 1 bilhão de usuários ativos por mês*. Recuperado de: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/131503-instagram-tem-1-bilhao-usuarios-ativos-mes.htm>
- Mussumeci, A., & Ponciano, E. L. T. (2013). Relacionamento conjugal e coping ao longo do ciclo de vida. In Garcia, A., & Fitzpatrick, J. (Orgs.) *Relações românticas, conjugais e parassociais*. (pp. 30-38). Vitória: UFES.
- Nader, M. B. (2017). Violência de gênero e denúncias registradas. In: Stevens, C., Silva, E., Oliveira, S. & Zanello, V. (Orgs.). *Relatos, análises e ações no enfrentamento da violência contra mulheres*. (pp. 105-130). Brasília: Technopolitik
- Nascimento, O. C., Costa, M. C. O., Costa, A. M., & Cunha, B. D. S. G. (2018). Violência no percurso amoroso e saúde mental de adolescentes-jovens: revisão integrativa. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*, 8(1), 30-38. doi: 10.13102/rscdauefs.v8.3505
- Nova, F. F., Rifat, M. D., Saha, P., Ahmed, S. I., & Guha, S. (2019). Online Sexual Harassment over Anonymous Social Media in Bangladesh. In *Proceedings of the Tenth International Conference on Information and Communication Technologies and Development (ICTD '19)*. ACM, New York, NY, USA. doi: 10.1145/3287098.3287107
- Observatório da mulher vítima de violência. (2016). *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais*. Brasília: Senado Federal. Recuperado de <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/529424>
- Oliveira, E. S. G. (2017). Adolescência, internet e tempo. Desafios para a Educação. *Educar em Revista*, 33(64), 283-298. doi: 10.1590/0104-4060.47048
- Oliveira, M. T. D., Samico, I., Ishigami, A. B. M., & Nascimento, R. M. M. (2012). Violência intrafamiliar: a experiência dos profissionais de saúde nas Unidades de Saúde da Família de São Joaquim do Monte, Pernambuco. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 15(1), 166-178. doi: 10.1590/S1415-790X2012000100015
- OMS. (2002). *The world report on violence and health*. Recuperado de [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/).
- OMS. (2012). *Understanding and addressing violence against women: intimate partner violence*. Recuperado de <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/77432/?sequence=1>
- OMS (2013). *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. Recuperado de

[http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85239/9789241564625\\_eng.pdf;jsessionid=E0FD538EEA82AC092539B1208C07E01A?sequence=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85239/9789241564625_eng.pdf;jsessionid=E0FD538EEA82AC092539B1208C07E01A?sequence=1)

- OMS. (2017). *Violence against women*. Recuperado de: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
- Papp, L. M., Danielewicz, J., & Cayemberg, C. (2012). "Are we Facebook official?" Implications of dating partners' Facebook use and profiles for intimate relationship satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(2), 85-90. doi: 10.1089/cyber.2011.0291
- Parker, I. (2015). A link in the chain: The role of friends and family in tackling domestic abuse. *Citizen Advice*. Recuperado de: <https://www.citizensadvice.org.uk/about-us/policy/policy-research-topics/justice-policy-research/domestic-abuse-policy-research/a-link-in-the-chain-the-role-of-friends-and-family-in-tackling-domestic-abuse/>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth violence and juvenile justice*, 4(2), 148-169. doi: 10.1177/1541204006286288
- Patrício, M. R., & Gonçalves, V. (2010). *Facebook: rede social educativa?*. In I Encontro Internacional TIC e Educação, 593-598. Recuperado de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>
- Pedrosa, C. M., & Spink, M. J. P. (2011). A violência contra mulher no cotidiano dos serviços de saúde: desafios para a formação médica. *Saúde e Sociedade*, 20, 124-135. doi: 10.1590/S0104-12902011000100015
- Pennycook, G., Cannon, T., & Rand, D. G. (2018). Prior exposure increases perceived accuracy of fake news. *Journal of experimental Psychology: General*, 1-49. doi: 10.1037/xge0000465
- Pereira, D. D. D. S. (2018). *Funcionamento discursivo das hashtags: um olhar para a #somostodos*. (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Campinas, Brasil).
- Perova, E., & Reynolds, S. A. (2017). Women's police stations and intimate partner violence: Evidence from Brazil. *Social Science & Medicine*, 174, 188-196. doi: 10.1016/j.socscimed.2016.12.008
- Peterman, A., Bleck, J., & Palermo, T. (2015). Age and intimate partner violence: an analysis of global trends among women experiencing victimization in 30 developing countries. *Journal of Adolescent Health*, 57(6), 624-630. doi: 10.1016/j.jadohealth.2015.08.008
- Pieta, M. A. M., & Gomes, W. B. (2014). Psicoterapia pela Internet: viável ou inviável?. *Psicologia: ciência e profissão*, 34(1), 18-31. doi: 10.1590/S1414-98932014000100003
- Pina, A., Holland, J., & James, M. (2017). The malevolent side of revenge porn proclivity: dark personality traits and sexist ideology. *International Journal of Technoethics*

(IJT), 8(1), 30-43. doi: 10.4018/IJT.2017010103

- Pylro, S. C., Rossetti, C. B., & Garcia, A. (2011). Relações de amizade e prática de jogos online: um estudo exploratório com adolescentes. *Interação em Psicologia*, 15(1). doi: 10.5380/psi.v15i1.17278
- Recuero, R. (2012). A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. *Comunicação, cultura de rede e jornalismo*, 259-274. Recuperado de <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf>
- Reissman, C. K. (1993). *Narrative analysis*. Newbury Park, CA: Sage.
- Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (13 junho, 2013). A presente Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. Recuperado de: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Riva, G., Calvo, R. A., and Lisetti, C. (2015). Cyberpsychology and affective computing. In Calvo, R. A., D’Mello, S., Gratch, J., & A. Kappas, A. (Eds.), *Handbook of Affective Computing*. (pp. 547–558). New York: Oxford University Press.
- Rizo, C. F., & Macy, R. J. (2011). Help seeking and barriers of Hispanic partner violence survivors: A systematic review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 16(3), 250-264. doi: 10.1016/j.avb.2011.03.004
- Rocha, M. C. J. (2015). Socializações generizadas e novas formas de violência sobre as mulheres: o caso do Facebook. In Brabo, T. S. A. M. (Org.) *Mulheres, Gênero e Violência*. Marília: Cultura Acadêmica.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (2015). Psicologia social: conceito, áreas afins, tipos de pesquisa e aplicações, marcos históricos. In Rodrigues, A., Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (Eds.) *Psicologia Social*. (32 ed.). (pp. 13-42). Petrópolis: Vozes.
- Rosa, D. O. A., Ramos, R. C. D. S., Gomes, T. M. V., Melo, E. M. D., & Melo, V. H. (2018). Violência provocada pelo parceiro íntimo entre usuárias da Atenção Primária à Saúde: prevalência e fatores associados. *Saúde em Debate*, 42, 67-80. doi: 10.1590/0103-11042018S405
- Rözer, J. J., Mollenhorst, G., & Volker, B. (2015). Romantic relationship formation, maintenance and changes in personal networks. *Advances in life course research*, 23, 86-97. doi: 10.1016/j.alcr.2014.12.001
- Rueda, H. A., Lindsay, M., & Williams, L. R. (2015). “She posted It on facebook” Mexican American adolescents’ experiences with technology and romantic relationship conflict. *Journal of Adolescent Research*, 30(4), 419-445. doi: 10.1177/0743558414565236
- Sahni, S. P., & Jain, G. (2018). An Overview: Internet Infidelity. In: Sahni, S. P., & Jain,

- G. (Ed.) *Internet Infidelity* (pp. 1-12). Singapore: Springer.
- Saldarriaga, L. M., Bukowski, W. M., & Greco, C. (2015). Friendship and happiness: A bidirectional dynamic process. In: Demir, M. (Ed.) *Friendship and happiness* (pp. 59-78). Dordrecht: Springer.
- Santos, K. B. (2016). *Mobilizando comportamentos de ajuda na rede de amizades: uma estratégia de prevenção à violência no namoro baseada nos pares e na abordagem do espectador*. (Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Brasília, Brasil).
- Santos, R. M., & Caridade, S. (2016). Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas ao (des) ajustamento psicossocial. *Psique*, 13, 18-39. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10284/7893>
- Santos, V., Freire, R., Zugliani, M., Cirillo, P., Santos, H. H., Nardi, A. E., & King, A. L. S. (2017). Treatment outcomes in patients with Internet Addiction and anxiety. *MedicalExpress*, 4(2), 1-7. doi: 10.5935/MedicalExpress.2017.02.06
- Sargent, K. S., Krauss, A., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2016). Cyber victimization, psychological intimate partner violence, and problematic mental health outcomes among first-year college students. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(9), 545-550. doi: 10.1089/cyber.2016.0115
- Scarpatti, A. S. (2013). *Os mitos de estupro e a (Im)parcialidade jurídica: a percepção de estudantes de direito sobre mulheres vítimas de violência sexual*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Vitória, Brasil).
- Scarpatti, A. S., Rosa, E. M., & Guerra, V. M. (2017). Representações sociais da violência sexual na produção científica nacional. *Psicologia Argumento*, 32(77), 9-18. doi: 10.7213/psicol.argum.32.077.DS01
- Schlösser, A. & Camargo, B. V. (2013). O amor (Re) visitado: contribuições do cenário nacional sobre o amor e relacionamentos amorosos. In Garcia, A. & Fitzpatrick, J. (Orgs.). *Relações românticas, conjugais e parassociais*. (pp. 5-16). Vitória: UFES.
- Schoenmaker, M., Gessner, R., Fornari, L., Fonseca, R., & Oliveira, R. (2016). A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online. In 5º Congresso Ibero-Americano Em Investigação Qualitativa (pp. 12-14). Recuperado de: <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/download/819/805>
- Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P., França-Junior, I., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A. B., Valência, O. & Couto, M. T. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41, 797-807. Recuperado de: <https://www.scielo.org/article/rsp/2007.v41n5/797-807/pt/>
- Scott, J. B. (2018). *Grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica contra a mulher: limites e potencialidades*. (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Natal, Brasil).

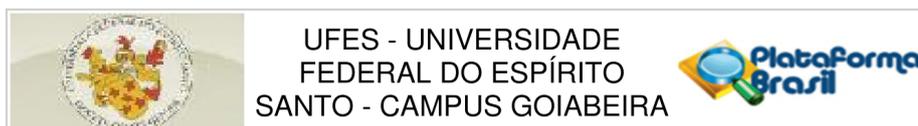
- Serra, A. M. (2011). Terapia cognitiva para casais. In: R. Payá (Org.). *Intercâmbio das psicoterapias: como cada abordagem psicoterapêutica compreende os transtornos psiquiátricos* (pp. 720-733). São Paulo: Roca.
- Sigurvinsdottir, R., Riger, S., & Ullman, S. E. (2016). The impact of disclosure of intimate partner violence on friends. *Journal of interpersonal violence*, 31(18), 2940-2957. doi: 10.1177/0886260515584334
- Silva, C. A. (2018). *Desigualdade de gênero: violência contra mulher e políticas públicas*. (Monografia, bacharelado em Direito, Centro Universitário Toledo, Araçatuba, Brasil).
- Silva, P.O.M., Andrade, A. L. & Cassepp-Borges, V. (2013) Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas. In Garcia, A., Pereira, J. E., Nogueira, F. (Orgs.). *Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos*. (pp. 7-20). Vitória: UFES.
- Silva, L. E. L. D., & Oliveira, M. L. C. D. (2016). Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal, 2009 a 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25, 331-342. doi: 10.5123/S1679-49742016000200012
- Silva, E. P., Ludermir, A. B., Araújo, T. V. B. D., & Valongueiro, S. A. (2011). Frequência e padrão da violência por parceiro íntimo antes, durante e depois da gravidez. *Revista de saúde Pública*, 45, 1044-1053. Recuperado de: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2011.v45n6/1044-1053/pt>
- Siqueira, C. A., & Rocha, E. S. S. (2019). Violência Psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, 2(1), 12-23. doi: 10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23
- Smith-Darden, J. P., Kernsmith, P. D., Victor, B. G., & Lathrop, R. A. (2017). Electronic displays of aggression in teen dating relationships: Does the social ecology matter? *Computers in Human Behavior*, 67, 33-40. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.10.015>
- Spivak, H. R., Jenkins, E. L., VanAudenhove, K., Lee, D., Kelly, M., & Iskander, J. (2014). CDC grand rounds: A public health approach to prevention of intimate partner violence. *MMWR. Morbidity and mortality weekly report*, 63(2), 38. Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4584651/pdf/38-41.pdf>
- Souza, T. M. C., & Sabini, K. (2015). Mas o que é o amor? Representações sociais em mulheres em contexto de violência doméstica. *Perspectivas em psicologia*, 19(1), 162-178. Recuperado de: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30542>
- Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2014). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 29(4), 429-436. doi: 10.1590/S0102-37722013000400009
- Souza, C. P. D. (2017). *Gaslighting: "você está ficando louca?": as relações afetivas e a construção das relações de gênero*. (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul).

- Souza, M. B., & Silva, M. F. S. D. (2019). Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. *Pensando famílias*, 23(1), 153-166. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a12.pdf>
- Stern, R. (2007). *The Gaslight Effect*. Nova Iorque: Morgan Road Books.
- Sweet, P. L. (2019). The Sociology of Gaslighting. *American Sociological Review*, 84(5), 851-875. doi: 10.1177/0003122419874843
- Sylaska, K. M., & Edwards, K. M. (2014). Disclosure of intimate partner violence to informal social support network members: A review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15(1), 3-21. doi: 10.1177/1524838013496335
- Telles, A. (2011) *A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas*. São Paulo: M. Books.
- Teles, M. A. A., & Melo, M. (2017). *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Brasiliense.
- Terra, M. F., & Schraiber, L. B. (2015). Medo e vergonha como barreiras para superar a violência doméstica de gênero. *Athenea digital*, 15(3), 109-125. doi: 10.5565/rev/athenea.1538
- Toneli, M. J. F., Lago, M. C. S., Beiras, A., & Clímaco, D. A. (2010). *Atendimento a homens autores de violência contra as mulheres: experiências latino-americanas*. Florianópolis: UFSC/CFH/NUPPE.
- UN Women. (2015). *Cyber Violence Against Women and Girls: A World-Wide Wake-Up Call*. United Nations Broadband Commission for Digital Development Working Group on Broadband and Gender. Recuperado de [http://www.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2015/cyber\\_violence\\_gender%20report.pdf?v=1&d=20150924T154259](http://www.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2015/cyber_violence_gender%20report.pdf?v=1&d=20150924T154259)
- Utley, E. A. (2017). Infidelity's coexistence with intimate partner violence: An interpretive description of women who survived a partner's sexual affair. *Western Journal of Communication*, 81(4), 426-445. doi: 10.1080/10570314.2017.1279744
- Van Ouytsel, J., Walrave, M., Ponnet, K., Willems, A. S., & Van Dam, M. (2019). Adolescents' perceptions of digital media's potential to elicit jealousy, conflict and monitoring behaviors within romantic relationships. *Cyberpsychology: journal of psychosocial research on cyberspace*, 13(3), 1-21. doi: 10.5817/CP2019-3-3
- Vieira, E. M., Perdoná, G. D. S. C., & Santos, M. A. D. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 45, 730-737. Recuperado de: <https://www.scielo.org/article/rsp/2011.v45n4/730-737/pt/>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>

- Walker, L. E. (1979). *The battered woman*. Beverly Hills: Sage.
- Wang, L. (2016). Factors influencing attitude toward intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior, 29*, 72-78. doi: 10.1016/j.avb.2016.06.005
- Witte, T. H., & Mulla, M. M. (2012). Social norms for intimate partner violence in situations involving victim infidelity. *Journal of interpersonal violence, 27*(17), 3389-3404. doi: 10.1177/0886260512445381
- Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. M. (2013). Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psicologia Clínica, 25*(1), 73-87. Recuperado de <https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/420>
- WhatsApp. (2020). *Como fazer backup no Google Drive*. Recuperado de: [https://faq.whatsapp.com/en/android/28000019/?lang=pt\\_pt](https://faq.whatsapp.com/en/android/28000019/?lang=pt_pt)
- Wood, M., Barter, C., Stanley, N., Aghtaie, N., & Larkins, C. (2015). Images across Europe: The sending and receiving of sexual images and associations with interpersonal violence in young people's relationships. *Children and Youth Services Review, 59*, 149-160. doi: 10.1016/j.childyouth.2015.11.005
- Woodlock, D. (2017). The abuse of technology in domestic violence and stalking. *Violence against women, 23*(5), 584-602. doi: 10.1177/1077801216646277
- Woodyatt, C. R., Finneran, C. A., & Stephenson, R. (2016). In-person versus online focus group discussions: A comparative analysis of data quality. *Qualitative health research, 26*(6), 741-749. doi: 1049732316631510
- Wright, E. M. (2015). The relationship between social support and intimate partner violence in neighborhood context. *Crime & Delinquency, 61*(10), 1333-1359. doi: 10.1177/0011128712466890
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

## ANEXOS

## Anexo A – Aprovação da pesquisa em comitê de ética



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A participação de amigos em casos de violência contra a mulher por parceiro íntimo nos contextos online e offline

**Pesquisador:** Pâmela Fardin Pedruzzi

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 06931118.0.0000.5542

**Instituição Proponente:** Programa de Pós Graduação em Psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.295.054

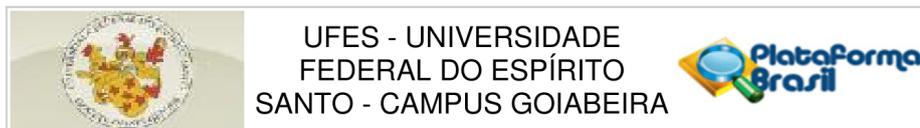
## Apresentação do Projeto:

Projeto tem como objetivo explorar, sob a perspectiva de mulheres, a participação dos amigos em episódios de violência por parceiro íntimo de maneira online e offline. De caráter qualitativo, terá como participantes mulheres que estejam na faixa etária de 18 a 40 anos de idade, que tenham vivenciado o episódio de violência nos últimos dois anos, que tenham acesso à Internet e façam uso de pelo menos uma rede social online. O acesso às participantes se dará através da técnica da bola de neve. Serão realizadas entrevistas episódicas semi-estruturadas através de um roteiro que abordará questões relacionadas ao relacionamento no qual ocorreu o episódio violento por parceiro íntimo, sobre a rede de amigas da mulher e características de sua influência no relacionamento, e sobre o uso das redes sociais e das tecnologias de informação pela vítima, a intermediação destas no cotidiano e também no contexto da violência experienciada. As entrevistas serão gravadas e transcritas para posterior análise dos dados. O procedimento escolhido para esta etapa será a análise temática. Pesquisadora espera com esse estudo conhecer características da violência por parceiro íntimo que ocorra nesses dois contextos (real e virtual) e a influência das amigas nesses episódios.

## Objetivo da Pesquisa:

Explorar, sob a perspectiva de mulheres, a participação dos amigos em episódios de violência por parceiro íntimo de maneira online e offline. Como objetivos específicos, elenca: 1) descrever

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN  
**Bairro:** Goiabeiras **CEP:** 29.075-910  
**UF:** ES **Município:** VITORIA  
**Telefone:** (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.295.054

episódios de violência por

parceiro íntimo de maneira geral; 2) identificar o papel das tecnologias de informação, mídias sociais, redes sociais online e mensageiros na prática dessa violência; (c) identificar e categorizar a participação da rede de amigos no relacionamento romântico, antes e depois dos episódios de Violência por parceiro íntimo, de maneira online e offline.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Apresenta avaliação de riscos e benefícios. Como benefícios a ampliação do conhecimento deste tipo de violência específica, que tem aumentado nos últimos anos, contribuindo para a formulação de estratégias de prevenção e enfrentamento e para as próprias participantes possibilidade de refletir sobre as situações vividas. Os riscos referem-se a um possível desconforto experimentado por relatar questões de sua vida particular. Tais riscos buscarão ser minimizados pela pesquisadora, de modo que se for identificado desconforto ou sofrimento relacionado às informações fornecidas, você terá total liberdade para interromper a entrevista.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

É importante mencionar no projeto que medidas de cuidado em saúde mental serão adotadas caso se encontre entre as participantes alguém em intenso sofrimento psíquico, como Transtorno de Estresse Pós-traumático, por exemplo. Serão encaminhadas? Para onde?

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termo de consentimento adequando quanto aos itens obrigatórios e linguagem para as participantes.

O roteiro de entrevista está bastante pertinente aos objetivos da proposta iniciando com questões mais gerais do relacionamento para somente depois tocar no tema violência.

Cronograma está adequado.

**Recomendações:**

- Acrescentar no projeto manejo a ser adotado em caso de identificação de participante com intenso sofrimento.

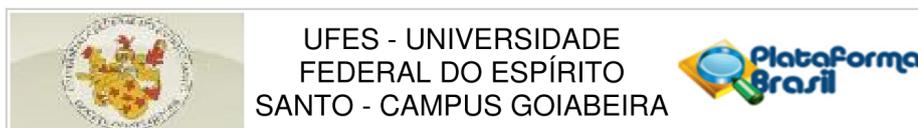
**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto apresenta relevância e encontra-se adequado às normas de pesquisas com seres humanos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN  
**Bairro:** Goiabeiras **CEP:** 29.075-910  
**UF:** ES **Município:** VITÓRIA  
**Telefone:** (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.295.054

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1274162.pdf	29/01/2019 08:29:07		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentoatual.docx	29/01/2019 08:28:10	Pâmela Fardin Pedruzzi	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	29/01/2019 08:25:06	Pâmela Fardin Pedruzzi	Aceito
Outros	instrumentoroteiro.docx	20/12/2018 19:31:28	Pâmela Fardin Pedruzzi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	19/12/2018 21:12:02	Pâmela Fardin Pedruzzi	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VITÓRIA, 30 de Abril de 2019

---

**Assinado por:**  
**KALLINE PEREIRA AROEIRA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN  
**Bairro:** Goiabeiras **CEP:** 29.075-910  
**UF:** ES **Município:** VITÓRIA  
**Telefone:** (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com

## Apêndices

### Apêndice A – Roteiro de entrevista

**Nome fictício:**

**Idade:**

**Profissão:**

**Escolaridade:**

**Religião:**

**Estado civil:**

**Tempo de relacionamento:**

- 1) Sobre o relacionamento em questão, como vocês se conheceram? Conte um pouco da história do seu relacionamento.
- 2) Você poderia descrever momentos importantes nos quais estiveram juntos?
- 3) O que você entende por violência em um relacionamento? Sempre teve essa preocupação? Se não, quando mudou e porque acha que isso aconteceu?
- 4) De que maneira e quando se iniciou o comportamento violento por parte do seu parceiro?
  - a) Você pode dar exemplos desses comportamentos?
  - b) Como você reagiu a princípio? E como foi durante e depois desse processo?
- 5) Existia (ou existe) alguma comunicação entre vocês pela internet? (Por Facebook, Whatsapp, Instagram, SMS, etc). Como era/é essa comunicação? Sobre quais assuntos vocês conversavam/conversam de forma online?
- 6) Você se recorda da ocorrência de algum episódio que considere violento por parte do seu parceiro que tenha acontecido de forma online? Você pode me dar exemplos?
- 7) Como era a sua rede de amizade antes e depois do relacionamento em questão?
- 8) O relacionamento e os episódios de violência decorrentes deste afetaram as suas amizades?
  - a) Se sim, de que forma?
  - b) Se não, você pode me dizer o porquê?
- 9) Algum amigo soube ou presenciou o episódio de violência que você vivenciou? Se sim, quais? Como eles reagiram e se posicionaram quanto a isso? Me conte um pouco sobre como foi a reação de cada um.
- 10) Qual foi o papel dos amigos mais próximos em termos de apoio para superar os episódios de violência que vivenciou? Você pode dar exemplos?
- 11) Após vivenciar o episódio de violência, você buscou algum tipo de suporte da sua rede de amizade? E de maneira online? (através das redes sociais, de sites que abordam esse assunto, ou informações sobre como realizar uma denúncia, por exemplo). Se sim, me conte como isso ocorreu.
- 12) Quais são as principais atividades que você realiza na internet atualmente? Quais os aparelhos que você utiliza para esse fim? Utiliza redes sociais? Se sim, quais? Porque você escolheu tais redes para participar?
- 13) Você acredita que o uso da internet e/ou das redes sociais tenha colaborado ou atrapalhado o enfrentamento da violência que vivenciou? De que maneira?

## APÊNDICE B – Termo de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS (CCHN)  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “A participação de amigos em casos de violência contra a mulher por parceiro íntimo nos contextos *online* e *offline*”, sob a responsabilidade da mestrandia Pâmela Fardin Pedruzzi do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e do professor Dr. Agnaldo Garcia, docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

#### OBJETIVO

Explorar, sob a perspectiva de mulheres, a participação da rede de amigos em episódios de violência *online* e *offline* sob a perspectiva de mulheres em um relacionamento entre parceiros íntimos. A pesquisa justifica-se pela importância de se conhecer as características desta violência sob o ponto de vista das mulheres que vivenciaram esse fenômeno, além de buscar conhecer o grau de influência da rede de amigos neste tipo de relacionamento.

#### METODOLOGIA

Você participará de uma entrevista presencial em que será convidado a responder perguntas relacionadas à utilização pessoal da internet e das redes sociais; aos relacionamentos românticos vivenciados e episódios de violência decorrentes de tal convívio; além de perguntas relativas a rede de amigos. Serão feitas perguntas a respeito das suas vivências. A entrevista prevê uma duração mínima de 40 minutos e máxima de 90 minutos, podendo ser interrompida e continuada posteriormente caso haja necessidade. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas para análise dos dados informados. A sua colaboração fará de forma anônima e segura. A sessão de coleta de dados será realizada em local de comum acordo entre você e a pesquisadora.

#### RISCOS E BENEFÍCIOS

Os riscos aos quais você será submetido dizem respeito a um possível desconforto experimentado por relatar questões de sua vida particular. Tais riscos buscarão ser minimizados pela pesquisadora, de modo que se for identificado desconforto ou sofrimento relacionado às informações fornecidas, você terá total liberdade para

interromper a entrevista. Como benefícios desta pesquisa, você poderá ter maior conhecimento sobre os eventos significativos em seu relacionamento amoroso, além de permitir que reflita e discuta com a pesquisadora sobre as situações de violência vivida. Além disso, caso tenha interesse, será feita a devolução dos resultados a partir do instrumento utilizado, podendo-se conversar sobre os desdobramentos da situação experienciada.

### **REMUNERAÇÃO E RESSARCIMENTO**

Não haverá remuneração pela sua participação na pesquisa, de modo que a mesma deverá ser realizada de forma voluntária, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da mesma. Caso haja despesa na participação da pesquisa, você será ressarcido(a). Você poderá ser indenizado(a) de eventuais danos que a pesquisa venha a causar.

### **GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE**

A qualquer momento você poderá recusar sua participação na pesquisa, sem qualquer prejuízo ou penalidade. O sigilo da sua identidade e privacidade será resguardado durante todas as fases da pesquisa. Como se trata de uma pesquisa, após a sua finalização, os dados obtidos poderão ser utilizados para compor material escrito para divulgação do trabalho em meio científico e em revistas especializadas. Todo o procedimento de pesquisa descrito seguirá rigorosamente os critérios éticos estabelecidos através da legislação que regulamenta pesquisas com seres humanos, conforme explicitado pela resolução nº 510/06 do Conselho Nacional de Saúde.

### **ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você deve contatar a pesquisadora Pâmela Fardin Pedruzzi: (27)997006195, e-mail: [pamfardin@hotmail.com](mailto:pamfardin@hotmail.com) ou no endereço: Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari nº 514, Goiabeiras, Vitória/ES. Em caso de necessidade de relatar alguma denúncia ou em caso de intercorrências na pesquisa, você poderá procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFES pelo telefone (27) 3145-9820 e no endereço Av. Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória/ES no Prédio Administrativo do CCHN, ou por e-mail: [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com).

### **CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**

Aceito participar deste estudo de forma voluntária e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinada e rubricada em todas as suas páginas por mim e pela pesquisadora.

Vitória, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Participante da pesquisa

---

Pâmela Fardin Pedruzzi